



A Copa do Mundo é o bicho! A Zoologia na maior competição de futebol do planeta

Leandro Lourenço Dumas

Laboratório de Entomologia, Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro,
Caixa Postal 68044, Cidade Universitária, 21941-971, Rio de Janeiro, RJ
lldumas82@gmail.com

Resumo

O futebol é um dos esportes mais populares do mundo, tendo forte ligação com os animais, usados como símbolo de agremiações e federações esportivas. A Copa do Mundo, principal torneio futebolístico do planeta e com grande apoio midiático, mobiliza milhões de pessoas, constituindo uma cultura esportiva globalizada, de grande alcance e influência nas mais distintas camadas da sociedade atual. Além disso, a competição pode ser encarada como um importante elemento na formação da identidade nacional. Foram analisadas as 211 seleções de futebol associadas à FIFA, das quais 62 apresentavam algum animal figurado em seu escudo, totalizando 40 táxons, sendo 38 deles constituídos por mamíferos e aves, em especial grandes predadores. A partir dos resultados obtidos, os animais foram analisados quanto à motivação da escolha pelos países, se constituem animais nativos à fauna daquele país e pelo status de conservação da espécie. Também foi incluída uma discussão sobre o possível uso desses símbolos como ferramenta para programas de conservação de espécies, tendo em vista o alto potencial de alcance popular do futebol, e aplicações no ensino de Biologia, onde possíveis temas como migração, melanismo, extinção e domesticação de animais, e até mesmo biogeografia foram sugeridos.

Palavras-chave: animais em escudos esportivos; espécies ameaçadas; esporte; seleções de futebol; Zoologia Cultural.

Abstract

The World Cup is awesome! Zoology at the biggest soccer tournament on the planet

Soccer is one of the most popular sports in the world, having a strong connection with animals, which are used in symbols of sports associations and federations. The World Cup, the main soccer tournament on the planet and with great media support, mobilizes millions of people, constituting a globalized sports culture, far reaching and influencing the most different layers of current society. Moreover, the event can be seen as an important element in molding national identity. The 211 soccer teams associated with FIFA were analyzed, of which 62 featured some animal on their logos, totaling 40 taxa, 38 of them consisting of mammals and birds, especially apex predators. From the obtained results, the animals were analyzed as to the motivation of the choice by the countries, if they are native animals to the fauna of that country and the conservation status of the species. It was also included a discussion of the possible use of these symbols as a tool for species conservation programs, given the high potential of popular reach of soccer, and applications in the teaching of biology, where possible themes such as migration, melanism, extinction and animal domestication, and even biogeography were suggested.

Keywords: animals in sports logos; Cultural Zoology; soccer teams; sports; threatened species.



Introdução

Assim como a cultura, o esporte é considerado um fenômeno universal, social e complexo, sendo interpretado como um patrimônio cultural dinâmico da humanidade (ROSSETO-JR, 2014). O esporte pode ser considerado um evento polissêmico e intrincado que possui significados variados para a sociedade atual, como diversão, lazer, educação, exercício para a saúde e espetáculo midiático (BOURDIEU, 2003; ROSSETO-JR, 2014). Nesse último contexto, a globalização do esporte transcende as barreiras de ideologias de gêneros, crenças religiosas, linguagem e etnias, sendo uma das únicas atividades humanas a mobilizar bilhões de pessoas em megaeventos esportivos (PILATTI, 1999). Muitos desses eventos contam com grande apoio midiático, como os Jogos Olímpicos Modernos e a Copa do Mundo de Futebol Masculino. Assim, essa cultura esportiva globalizada é capaz de atingir e influenciar as mais distintas camadas da sociedade atual, sendo um importante produto da indústria cultural.

O futebol é, sem dúvida, o esporte mais popular em todo o mundo, com cerca de quatro bilhões de fãs, despertando forte paixão e nacionalismo em seus adeptos (SAWE, 2018). Em muitos países, o futebol pode ser considerado um importante elemento na formação da identidade nacional, possuindo grande influência nos distintos domínios da sociedade, como nos aspectos sociais, na economia, na política e até mesmo no campo jurídico e da religião. Assim, a legitimação cultural de muitos povos pode estar associada, em parte, pelo futebol (ELIAS & DUNNING, 1992). Com origem entre 1845 e 1862, nas escolas públicas da Inglaterra, frequentadas pela alta sociedade inglesa, o futebol moderno ganhou vida em 1863 com a criação da Associação de Futebol Inglesa (*Football Association* – FA), quando foram determinadas suas regras oficiais e vestimentas, tendo sido profissionalizado em 1885 (ELIAS & DUNNING, 1992). Mesmo com origem elitista, a regulamentação e a criação de organizações futebolísticas possibilitaram a grande disseminação mundial desse esporte entre o fim do século XIX e início do século XX. Nesse contexto, o esporte foi rapidamente incorporado por vários outros países, independentemente das estruturas sociais das nações que aderiram à sua prática e/ou tornaram-no um espetáculo (REIS, 2003). Atualmente, o futebol é considerado um esporte popular, sendo praticado e assistido nos cinco continentes do globo terrestre, a despeito de etnia, credo, educação e classe social. Além disso, devido a esse grande apelo popular, o futebol passou a ser um evento extremamente espetacularizado e midiaticado, sendo fortemente comercializado mundialmente, tendo em vista o alcance de bilhões de pessoas no planeta.

Atualmente, a Copa do Mundo de Futebol Masculino é um dos maiores eventos esportivos e a maior competição de futebol internacional do planeta e, a cada quadriênio, bilhões de espectadores assistem à competição. Ela é organizada pela Federação Internacional das Associações de Futebol (FIFA), órgão máximo no controle do futebol mundial e que foi fundado, em 1904, por dirigentes de sete países – Bélgica, Dinamarca, Espanha, França, Holanda, Suécia e Suíça. Hoje a entidade conta com 211 países afiliados, sendo a segunda entidade mundial com maior número de associados, superando até mesmo a Organização das Nações Unidas (ONU) (RODRIGUES, 2013; FIFA, 2020). A primeira Copa do Mundo foi realizada em 1930, no Uruguai, com a participação de 13 seleções convidadas pela FIFA, já que àquela época não se realizavam as fases iniciais eliminatórias, que passaram a ser disputadas apenas na edição seguinte. A partir de 1998, a fase final da competição passou a ser disputada por 32 seleções durante um mês a cada quadriênio, com a fase eliminatória sendo disputada ao longo dos três anos anteriores ao evento. As eliminatórias são organizadas dentro de seis zonas continentais por suas respectivas confederações, seguindo as especificações da FIFA – África (CAF), Ásia (AFC), América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF), América do Sul (CONMEBOL), Europa (UEFA) e Oceania (OFC). A partir da Copa do Mundo de 2026, que terá três sedes – Canadá, Estados Unidos e México, o número de seleções na fase final aumentará para 48 participantes.

A paixão e a idolatria entre o espectador e a equipe de sua preferência muitas vezes



transpassam o limite do esporte, se tornando um instrumento de identificação coletiva e sendo parte integrante do meio social. O uso de animais nos símbolos de associações esportivas fornece identidade, mostrando diferenciação das outras instituições. Além disso, o uso de determinado animal como símbolo impõe o atributo daquele animal (inteligência, velocidade, força, ferocidade, agressividade, etc.) a essa instituição, o que é importante em atividades de alta competitividade (DUMAS, 2018). Assim, muitos animais são utilizados como símbolos e mascotes de diversas instituições esportivas, não sendo as seleções e confederações futebolísticas de países uma exceção à regra. Até mesmo alguns países que não possuem animais no emblema de seus selecionados nacionais possuem alcunhas relacionadas à fauna local. É o caso, por exemplo, do Brasil, considerado o “país do futebol” e cuja seleção é apelidada de “seleção canarinho” (Figura 1). O termo, criado em 1954 pelo radialista Geraldo José, após a troca da camisa branca pela tradicional amarela, é uma alusão à mesma cor do canário-da-terra – *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766) (Passeriformes: Thraupidae), ave comum no país e muito apreciada pelo seu canto. Assim, este trabalho tem por objetivo realizar um levantamento dos animais encontrados nos escudos (logotipos) das confederações e/ou das seleções de futebol dos países associados à FIFA, relacionando o possível motivo de sua adoção por parte das mesmas.



Versão mais recente do mascote da seleção brasileira, o “Canarinho Pistola”. Fonte: site da CBF.



Canário-da-terra - *Sicalis flaveola* (Linnaeus, 1766).
Fonte: site Portal dos Pássaros.

Figura 1. Canarinho em sua versão “pistola”, mascote oficial da seleção brasileira, e canário-da-terra, animal no qual foi inspirado.



Material e métodos

A fauna presente nos logotipos das 211 seleções de futebol associadas à FIFA foi levantada, com base nas homepages das confederações de cada país, além dos emblemas presentes no livro ALMANAQUE DAS CONFEDERAÇÕES DO MUNDO INTEIRO (RODRIGUES, 2013). Para países que utilizam em suas camisas emblemas diferentes daqueles de suas confederações locais (e.g. Áustria, Alemanha, Espanha, Polônia, Romênia, Rússia, etc.) foram considerados ambos para a pesquisa.

Os animais ilustrados nos emblemas das seleções foram identificados no menor nível taxonômico possível, com base tanto nas artes das ilustrações como nas informações contidas nas homepages das instituições, quando existentes, e em sites jornalísticos com reportagens acerca da seleção em questão; representações do homem (*Homo sapiens* Linnaeus, 1758 – Primates: Hominidae) não foram consideradas nesse trabalho. Informações relevantes para a elaboração da discussão, como motivação da escolha dos símbolos, distribuição geográfica e habitats, estado de conservação e preservação das espécies, assim como temáticas na biologia de certos táxons, foram consideradas para a análise e serão debatidas ao longo do texto. Para consideração do estado de conservação das espécies, foi utilizado o catálogo online da LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS, organizado pela União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN, 2020a).

Também foram incluídos separadamente, em outra seção, os escudos de seleções com animais mitológicos, não sendo os mesmos analisados nas discussões finais. Da mesma forma, foram analisadas separadamente as mascotes das copas, que passaram a ser utilizadas a partir de 1966, ano em que os países que sediaram a fase final da Copa do Mundo começaram a adotar esses símbolos para divulgação maior do evento.

Resultados e discussão

Das 211 confederações/seleções analisadas, 62 (30%) possuem alguma espécie de animal ilustrada em seus logotipos. Considerando as confederações continentais de cada uma das seis zonas estabelecidas pela FIFA, a Confederação Africana de Futebol (CAF), com 54 países associados à entidade maior do futebol, é a que possui maior número (20 seleções) e proporção (37%) de emblemas com figuras de animais (Tabela I). A Confederação de Futebol da Oceania (OFC) e a Confederação Asiática de Futebol (AFC), com respectivamente 11 e 46 países associados, vêm logo a seguir com quatro (36%) e 16 (35%) seleções com animais presentes em seus símbolos (Tabelas II e III), seguidas pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), com 55 associados e 14 (25%) seleções com animais representados (Tabela IV), e pela Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), com 10 associados e duas (20%) seleções com animais em seus logotipos (Tabela V). Por fim, a Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) é a que possui a menor proporção de seleções com animais ilustrados em seus escudos – apenas sete (18%) das 38 seleções associadas (Tabela VI).

Em relação aos animais representados, foram identificados 40 táxons no total (Tabela VII). Abaixo, os símbolos são analisados individualmente em cada seleção dentro de cada uma das seis confederações continentais, sendo feitos comentários, quando possíveis, não só ao táxon ao qual pertencem, mas também quanto à motivação da escolha e a sua distribuição geográfica.

Confederação Africana de Futebol (CAF)

A África é o continente com maior número de seleções que possuem representantes animais em seus escudos (Tabela I). Dos três animais representados que não pertencem às classes Mammalia e Aves, dois estão no emblema de seleções africanas. A seleção de Gâmbia (Figura 2) traz um artrópode



aracnídeo em seu escudo, um escorpião-imperador, possivelmente da espécie *Pandinus imperator* (Koch, 1842) (Scorpiones: Scorpionidae), nativa da África Ocidental e comumente encontrada em áreas de savanas e florestas úmidas tropicais. A equipe é conhecida pela alcunha de “Os Escorpiões”. Assim como o animal representado no escudo, esses possuem coloração negra, sendo uma das maiores espécies de escorpiões do mundo (Rossi, 2015). Já a seleção de Moçambique (Figura 3), conhecida como “Os Mambas”, tem em seu escudo a representação de uma mamba-negra – *Dendroaspis polylepis* Günther, 1864 (Squamata: Serpentes: Elapidae), uma das serpentes mais venenosas do continente africano e comum na região subsaariana ao sul e leste da África (SPAWLS & BRANCH, 1995).

Tabela I. Seleções da Confederação Africana de Futebol (CAF) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha. ([?]) = identificação pouco precisa com base na ilustração e/ou por inferência; (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Angola	Palanca-negra	<i>Hippotragus niger</i> *	Mammalia
Botsuana	Zebra-de-burchell	<i>Equus quagga burchelli</i> [?] *	Mammalia
Burkina Faso	Cavalo	<i>Equus caballus</i>	Mammalia
Congo	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
Costa do Marfim	Elefante-africano-da-floresta	<i>Loxodonta cyclots</i> *	Mammalia
Gabão	Pantera (leopardo)	<i>Panthera pardus</i> *	Mammalia
Gâmbia	Escorpião-imperador	<i>Pandinus imperator</i> [?] *	Arachnida
Madagascar	Zebu	<i>Bos taurus indicus</i>	Mammalia
Mali	Jagudi-real	<i>Trigonoceps occipitalis</i> [?] *	Aves
Moçambique	Mamba-negra	<i>Dendroaspis polylepis</i> *	Reptilia
Níger	Gazela-dama	<i>Nanger dama</i> *	Mammalia
Nigéria	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Quênia	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
RD do Congo	Leopardo	<i>Panthera pardus</i> *	Mammalia
São Tomé e Príncipe	Milhafre-preto /	<i>Milvus migrans</i> */	Aves /
	Papagaio-cinzento-do-congo	<i>Psittacus erithacus</i> *	Aves
Senegal	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
Tunísia	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Uganda	Grou-coroadado	<i>Balearica pavonina</i> *	Aves
Zâmbia	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Zimbábue	Águia-sem-rabo	<i>Terathopius ecaudatus</i> [?] *	Aves

Os mamíferos são o grupo com maior representação na África – 11 seleções. Os felídeos são os animais mais utilizados, com duas espécies representadas: o leão – *Panthera leo* (Linnaeus, 1758) (Carnivora: Felidae), presente em três seleções, e o leopardo – *Panthera pardus* (Linnaeus, 1758) (Carnivora: Felidae), em duas seleções. Ambas as espécies são nativas da África e da Ásia, sendo amplamente distribuídas ao sul do Saara no continente africano em áreas de savanas, com o primeiro evitando áreas mais florestadas (SUNQUIST & SUNQUIST, 2002). As seleções do Congo, Senegal e Quênia trazem leões em seus emblemas; na primeira, o animal é representado de corpo inteiro e de forma mais



natural (Figura 4); na segunda, há uma linda cabeça estilizada do animal nas cores da bandeira do país (Figura 5); e na terceira, há dois leões na forma de heráldica rampante, ou seja, em pé, de perfil e com as pernas dianteiras levantadas (Figura 6). O animal encontra-se presente no brasão de armas dos três países, sendo a seleção senegalesa conhecida como “Os Leões de Teranga”. Já as seleções da República Democrática do Congo e do Gabão trazem o leopardo em seus escudos (Figuras 7 e 8), sendo a representação do emblema da seleção gabonense a forma melânica do animal conhecida como pantera-negra e mais comumente encontrada em áreas de florestas de altitude. O leopardo e a pantera-negra são símbolos nacionais da RD do Congo e do Gabão, respectivamente, sendo retratadas no brasão de armas desses países, simbolizando a vigilância e a coragem dos líderes da nação.



Figuras 2-8. Seleções da África, associadas à CAF, com animais em seus escudos: 2. Gâmbia; 3. Moçambique; 4. Congo; 5. Senegal; 6. Quênia; 7. República Democrática do Congo; 8. Gabão. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

A seleção angolana, conhecida pela alcunha de “As Palancas-Negras”, possui uma bela representação da cabeça de uma palanca-negra (ou palapala) – *Hippotragus niger* (Harris, 1838) (Artiodactyla: Bovidae), no centro de seu escudo (Figura 9). Esse antílope é nativo da África Oriental e da África Austral, sendo a subespécie *H. niger variiani* Thomas, 1916 (palanca-negra-gigante), restrita à província de Malanje, em Angola (PINTO, 2019), e um dos principais símbolos nacionais angolanos. O símbolo da seleção de Níger traz a representação de duas gazelas-damas – *Nanger dama* (Pallas, 1766) (Artiodactyla: Bovidae) (Figura 10), animal com distribuição original em áreas áridas do sudeste do deserto do Saara e no Sahel africano, mas atualmente com pequenas populações restritas a partes de Chadi, Mali e Níger (GRETTEMBERGER & NEWBY, 1986). Assim, as gazelas-damas tornaram-se um dos símbolos nacionais de Níger. Já a seleção de Madagascar traz a cabeça de um zebu – *Bos taurus indicus* Linnaeus, 1758 (Artiodactyla: Bovidae) (Figura 11), animal presente em grande quantidade no país e símbolo de sabedoria, força e prosperidade. Em determinados grupos étnicos malgaxes, um menino só se torna homem quando ele rouba seu primeiro zebu, sendo o animal utilizado em diversos rituais (HOFFMANN, 2018).



Figuras 9-11. Seleções da África, associadas à CAF, com animais em seus escudos: 9. Angola; 10. Níger; 11. Madagascar.
Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

A seleção de Botsuana traz duas zebras-das-planícies – *Equus quagga* Boddaert, 1785 (Perissodactyla: Equidae) em seu escudo (Figura 12), possivelmente pertencentes à subespécie *E. quagga burchelli* (Gray, 1824), conhecida como zebra-de-burchell. Essa subespécie é a única com ocorrência para o país, tendo distribuição restrita ao sul do continente africano (SCHULZ & KAISER, 2012). O uso desses animais pela seleção foi inspirado no brasão de armas do país, que traz duas zebras em pé sustentando uma presa de elefante e uma espiga de sorgo, representando a vida selvagem e a agricultura botsuanesa. Além disso, as listras em preto e branco da zebra representam a harmonia racial

e a natureza pluralista da sociedade (LEBANNA, 2016). Burkina Faso, cuja seleção é chamada de “Os Garanhões”, apresenta em seu símbolo parte de dois cavalos – *Equus caballus* Linnaeus, 1758 (Perissodactyla: Equidae) (Figura 13), animais que também são encontrados no brasão de armas do país. Em Burkina Faso, andar a cavalo é uma grande tradição, estando o animal não só presente nos símbolos nacionais, mas também em diversas atrações culturais, como no cobiçado prêmio do festival de cinema pan-africano de Ouagadougou, chamado de Etalon d’Or (Garanhão de Ouro). O símbolo da seleção de Costa do Marfim traz uma bonita representação da cabeça de um elefante-africano-da-floresta – *Loxodonta cyclots* (Matschie, 1900) (Proboscidea: Elephantidae) segurando uma bola com a tromba (Figura 14). A espécie é nativa de regiões da África Central e Ocidental, ocorrendo ao longo das florestas tropicais da bacia do Rio Congo (TANGLEY, 1997). Presente também no brasão de armas do país, o elefante-africano-da-floresta, a menor das três espécies dos elefantes atuais, é um importante símbolo nacional, representando a força da república; além disso, é também uma referência ao nome do país, cuja grande presença desses animais levou seus colonizadores a batizarem (e explorarem) o país em referência ao marfim (dente de elefante).



12

Botsuana



13

Burkina Faso



14

Costa do Marfim

Figuras 12-14. Seleções da África, associadas à CAF, com animais em seus escudos: 12. Botsuana; 13. Burkina Faso; 14. Costa do Marfim. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

As aves aparecem no símbolo de sete seleções, com grande destaque para as aves de rapina (ordens Accipitriformes e Falconiformes), presentes em seis escudos. As seleções da Nigéria, conhecida como “Super Águias”, e de Zâmbia trazem águias em heráldica (Figuras 15, 16), as quais não são possíveis identificar em espécie com base nas ilustrações e por inferência. Já a Tunísia, chamada de “Águias de Cartago”, traz uma águia estilizada idêntica àquela presente no brasão de armas do país (Figura 17), simbolizando a vida selvagem e a força da nação. A seleção de Zimbábue traz a representação da Ave do Zimbábue (Figura 18), uma escultura de pedra-sabão presente nas ruínas da cidade de Grande Zimbábue, esculpidas pelo antigo povo Shona e presente também em diversos



símbolos nacionais, como na moeda, na bandeira e no brasão de armas, representando um ícone da independência nacional. Apesar de difícil de identificar, é possível que faça referência a uma águia-sem-rabo (ou arlequim) – *Terathopius ecaudatus* Daudin, 1880 (Accipitriformes: Accipitriformes), encontrada em áreas com dossel fechado de savanas e florestas da África Subsaariana (STEYN, 1965) e comum na área do Zimbábue. Em Mali, o escudo da seleção nacional traz uma águia escura com manchas brancas nas asas e com a cabeça totalmente branca (Figura 19). Devido a essas características, uma possibilidade é que seja a representação de um jagudi-real ou abutre-de-cabeça-branca – *Trigonoceps occipitalis* (Burchell, 1824) (Accipitriformes: Accipitridae), uma ave de rapina endêmica da África Subsaariana, ou até mesmo uma águia-africana-pescadora – *Haliaeetus vocifer* Daudin, 1800 (Accipitriformes: Accipitridae), muito comum em toda a costa, lagos, estuários e reservatórios dessa região da África (BROWN, 1970). No entanto, no segundo caso, a ave não apresenta manchas esbranquiçadas nas asas como na representação do escudo.

Em São Tomé e Príncipe duas aves são representadas no emblema da seleção nacional, seguindo o que ocorre no brasão de armas do país (Figura 20). As aves ilustradas são um milhafre-preto – *Milvus migrans* Boddaert, 1783 (Accipitriformes: Accipitridae), uma pequena ave de rapina migratória com ampla distribuição na Europa, Ásia, África e Austrália (AGOSTINI & DUCHI, 1994), representando a ilha de São Tomé, e um papagaio-cinzentado-congo – *Psittacus erithacus* Linnaeus, 1758 (Psittaciformes: Psittacidae), nativo da África Equatorial (MCGOWAN, 2008), representando a ilha de Príncipe. O país tradicionalmente era conhecido pelo uso do papagaio-cinzentado-congo como animal de estimação, sendo inclusive a ave muito comercializada pelas pessoas locais; no entanto, desde a criação de uma forte legislação contra o tráfico desses animais a população dessas aves aumentou e hoje é uma das maiores conhecidas no planeta (MELO & O'RYAN, 2007). Por fim, a seleção de Uganda traz em seu símbolo excelentes representações de dois grou-coroados – *Balearia pavonina* (Linnaeus, 1758) (Gruiformes: Gruidae) (Figura 21), ave que é símbolo nacional e também está presente no brasão de armas do país. A ave ocorre em áreas mais áridas da savana africana ao sul do deserto do Saara, geralmente próxima a brejos, pântanos e alagados (ARCHIBALDI *et al.*, 2019). Em muitas regiões do país o grou-coroadado é considerado uma ave sagrada e o seu significado cultural fez com que a espécie fosse protegida localmente.

Confederação de Futebol da Oceania (OFC)

Dos quatro países associados à OFC que possuem animais representados em seus emblemas, apenas um traz a ilustração de um mamífero enquanto os outros três possuem aves (Tabela II). A seleção de Niue traz uma bonita representação de um golfinho-rotador, possivelmente uma alusão à espécie *Stenella longirostris* (Gray, 1828) (Artiodactyla: Cetacea: Delphinidae) (Figura 22), animal considerado um dos símbolos nacionais do país. Essa espécie ocorre em águas oceânicas tropicais e subtropicais em todo o mundo, possuindo ampla distribuição (PERRIN, 1990).

Tabela II. Seleções da Confederação de Futebol da Oceania (OFC) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha. ([?]) = identificação pouco precisa com base na ilustração e/ou por inferência; (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Niue	Golfinho-rotador	<i>Stenella longirostris</i> [?] *	Mammalia
Nova Caledônia	Cagu	<i>Rhynochetos jubatus</i> *	Aves
Papua Nova Guiné	Ave-do-paraíso	<i>Paradisea raggiana</i> *	Aves
Tonga	Pombo-branco	Columbidae ^{NA}	Aves





15

Nigéria



16

Zâmbia



17

Tunísia



18

Zimbabuê



19

Mali



20

São Tomé e Príncipe



21

Uganda

Figuras 15-21. Seleções da África, associadas à CAF, com animais em seus escudos: 15. Nigéria; 16. Zâmbia; 17. Tunísia; 18. Zimbabuê; 19. Mali; 20. São Tomé e Príncipe; 21. Uganda. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

A seleção da Nova Caledônia traz em seu escudo a cabeça estilizada de um cagu – *Rhynochetos jubatus* Verreaux & Des Murs, 1960 (Eurypygiformes: Rhynochetidae) (Figura 23), única espécie atual dessa família e endêmica do país (HUNT, 1996). O cagu é uma ave de chão, praticamente não possuindo capacidade de voo. Apesar de não ser um dos símbolos oficiais do país, a ave é bastante venerada pelos caledônios. Outra ave interessante representada no continente é a ave-do-paraíso – *Paradisea raggiana* Sclater, 1873 (Passeriformes: Paradisaeidae), presente na forma de uma silhueta amarela no emblema da seleção de Papua Nova Guiné (Figura 24). Os machos dessa ave, nativa do país, apresentam uma plumagem exuberante e alongada, exibida em rituais de acasalamento (DAVIS & BEEHLER, 1994). A ave-do-paraíso se faz presente tanto no brasão de armas como na bandeira nacional da Papua Nova Guiné, sendo um dos principais símbolos do país. Por fim, a seleção de Tonga traz a ilustração de uma pomba branca em voo carregando um pequeno ramo de oliveira em seu bico (Figura 25), símbolo da paz. A ave está representada da mesma forma no brasão de armas do país, mas a ilustração não permite fazer maiores inferências acerca da espécie representada.



22

Niue



23

Nova Caledônia



24

Papua Nova Guiné



25

Tonga

Figuras 22-25. Seleções da Oceania, associadas à OFC, com animais em seus escudos: 22. Niue; 23. Nova Caledônia; 24. Papua Nova Guiné; 25. Tonga. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).



Confederação Asiática de Futebol (AFC)

Das 15 seleções com animais em seus escudos associadas à AFC, oito trazem mamíferos, cinco trazem aves e duas seleções possuem ambos os grupos representados (Tabela III). Os mamíferos mais presentes, assim como na Confederação Africana de Futebol, são os felídeos, presentes em cinco seleções. O leão, que originalmente ocupava grande parte do sudoeste asiático com sua distribuição expandindo-se a leste até o subcontinente indiano, hoje praticamente está extinto na Ásia, ocorrendo naturalmente apenas uma pequena população na região da Floresta de Gir, na Índia (SUNQUIST & SUNQUIST, 2002). Mesmo quase erradicado do continente o animal ainda desperta grande interesse na região, aparecendo nos símbolos das seleções de Singapura, do Iraque e do Sri Lanka. Singapura traz uma silhueta da cabeça de um leão (Figura 26), símbolo nacional adotado em 1986 em alusão ao nome do país – *Singa Puram*, que na linguagem Tamil significa cidade-leão, batizado assim no século XIII devido a um suposto avistamento do animal na ilha durante sua descoberta. Já a seleção do Iraque, conhecida como “Leões da Mesopotâmia”, traz em seu escudo a representação da famosa estátua do Leão da Babilônia (Figura 27), construída pelo povo da Babilônia entre 605-562 a.C. e um dos símbolos nacionais iraquianos. O Sri-Lanka traz um leão em heráldica passante segurando uma espada (Figura 28), representando a independência do país em relação ao Reino Unido, estando o animal também presente na bandeira e brasão de armas cingalês. O tigre – *Panthera tigris* (Linnaeus, 1758) (Carnivora: Felidae), um dos felídeos mais marcantes do continente asiático, aparece em duas seleções. Na Coreia do Sul figura uma bela ilustração de um tigre-siberiano branco (*P. tigris altaica* Temmink, 1844) (Figura 29), animal considerado guardião e mensageiro do espírito da montanha no folclore coreano, sendo chamado de *Paehko*. Essa espécie era comum em toda a península coreana, bem como em partes da China, Mongólia e Sibéria; atualmente está extinto na Coreia, tendo distribuição restrita a uma pequena área da Rússia (MAZAK & GROVES, 2006). A seleção da Malásia traz um tigre-malaio (*P. tigris jacksoni* Luo *et al.*, 2004) saltando sobre uma bola (Figura 30). Essa subespécie ocorre apenas no sul da Malásia (MAZAK & GROVES, 2006), sendo um dos símbolos nacionais malaios e também representado no brasão de armas, bem como em símbolos de diversas instituições nacionais, significando bravura e força.

Tabela III. Seleções da Confederação Asiática de Futebol (AFC) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha. ([?]) = identificação pouco precisa com base na ilustração e/ou por inferência; (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Arábia Saudita	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Austrália	Canguru-vermelho /	<i>Macropus rufus</i> * /	Mammalia /
	emu	<i>Dromaius novaehollandiae</i> *	Aves
Cingapura	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
Coreia do Sul	Tigre-branco	<i>Panthera tigris</i> *	Mammalia
Indonésia	Águia /	Accipitriformes ^{NA} /	Aves /
	bantengue	<i>Bos javanicus</i> *	Mammalia
Iraque	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
Jordânia	Águia-calçada	<i>Hieraaetus pennatus</i> [?] *	Aves
Malásia	Tigre-da-malásia	<i>Panthera tigris jacksoni</i> *	Mammalia
Mongólia	Iaque	<i>Bos grunniens</i> [?] *	Mammalia
Quirguistão	Falcão	Falconiformes ^{NA}	Aves
Síria	Falcão	Falconiformes ^{NA}	Aves
Sri Lanka	Leão	<i>Panthera leo</i> *	Mammalia
Tailândia	Elefante-indiano	<i>Elephas maximus indicus</i> *	Mammalia
Taiwan	Grou-de-pescoço-branco	<i>Antigone vipio</i> *	Aves
Turcomenistão	Cavalo	<i>Equus caballus</i>	Mammalia



A seleção da Tailândia traz em seu escudo o desenho estilizado da cabeça de um elefante-asiático – *Elephas maximus* Linnaeus, 1758 (Proboscidea: Elephantidae) (Figura 31), possivelmente da subespécie *E. maximus indicus* Curvier, 1798, animal nativo da Ásia, em especial do subcontinente indiano (SUKUMAR, 2006). O animal é o símbolo nacional da Tailândia devido a sua grande força e longevidade; além disso, o elefante branco é símbolo da realeza tailandesa, e sagrado no budismo, principal religião do país – um elefante branco teria presenteado a mãe de Buda com uma flor antes de seu nascimento. A Mongólia tem em seu escudo a representação da cabeça estilizada de um bovídeo difícil de ser identificado, mas que muito provavelmente trata-se de um iaque – *Bos grunniens* Linnaeus, 1766 (Artiodactyla: Bovidae) (Figura 32), cujas populações naturais ocorrem em terrenos elevados no sul da Ásia Central até o planalto do Tibete e na Mongólia. No entanto, milhões de iaques domesticados ocupam as montanhas asiáticas, especialmente na Mongólia, onde sua carne, produtos lácteos, lã e força de tração tem papel crucial na economia dos povos locais (SCHALLER & WULIN, 1996). O Turcomenistão traz em seu escudo a silhueta de um cavalo negro (Figura 33), animal também presente no brasão de armas do país. A equitação e a criação de cavalos estão amplamente ligadas às tradições do povo turcomeno, sendo uma tradição muito antiga. Até hoje a raça de cavalo *Akhal Teke*, cujos ancestrais teriam vivido há mais de 3.000 anos e seriam oriundos da tribo *Teke*, onde ocupavam áreas de deserto do país, é uma das mais raras e valorizadas do mundo. Este cavalo tornou-se o emblema nacional do Turcomenistão.

Duas seleções trazem tanto mamíferos quanto aves em seus escudos. A Austrália, que está associada à AFC mesmo sendo um país da Oceania, traz excelentes representações de dois animais típicos do país, e que também estão presentes no brasão de armas nacional: um canguru-vermelho – *Macropus rufus* (Diprotodontia: Macropodidae), e um emu – *Dromaius novaehollandiae* (Latham, 1870) (Casuariformes: Dromaiidae) (Figura 34). O canguru-vermelho, maior marsupial atual, e o emu, maior ave australiana e a segunda maior do mundo, são endêmicos da Austrália e considerados animais símbolos do país (CROFT, 1991; PATODKAR *et al.*, 2009); além disso, ambos não “andam para trás” segundo a tradição australiana, simbolizando que o país só progredirá. Já a seleção da Indonésia possui o brasão de armas do país como símbolo da seleção, tendo uma grande águia dourada em heráldica em seu escudo central, que representa a defesa e os quatro princípios do país, trazendo em um de seus quatro símbolos a cabeça negra de um bantengue – *Bos javanicus* D’Álton, 1823 (Artiodactyla: Bovidae) (Figura 35), nativo do sudeste asiático e representante do princípio da democracia por ser considerado um animal social. Os bantengues foram domesticados em muitos locais da Ásia e posteriormente levados para a Austrália, onde originaram populações assilvestradas (FRIEND, 1978).

As aves de rapina, incluindo a do escudo da seleção indonésia, foram o grupo com maior número de representantes – cinco no total. Três seleções trazem águias ou falcões não identificáveis em seus símbolos. A seleção da Arábia Saudita, conhecida como “Águias Verdes”, traz a cabeça estilizada de uma águia em seu bonito emblema (Figura 36); o país é considerado um dos com maior número de espécies de falcões e águias do planeta. A seleção do Quirguistão, chamada de “Falcões Brancos”, possui uma cabeça estilizada de um falcão junto a uma bola em seu escudo (Figura 37). A Síria possui a representação em heráldica do Falcão de Qureish (Figura 38), animal símbolo da nação e que aparece também no brasão de armas nacional. Atividade praticada a milênios, a falcoaria ainda é uma das atividades mais populares entre os árabes do Oriente Médio, e a influência desses animais ainda pode ser vista em símbolos nacionais dos países dessa região. A Jordânia possui uma bela ilustração de uma águia de asas abertas no centro de seu escudo (Figura 39). Devido às cores amarronzadas na ilustração, possivelmente é inspirada em uma águia-calçada – *Hieraaetus pennatus* (Gemelin, 1788) (Accipitriformes: Accipitridae). Essa espécie migratória habita o sul da Europa, norte da África e grande parte da Ásia, incluindo a Jordânia (CASADO *et al.*, 2008). Por fim, o Taipei Chinês (ou Taiwan) traz uma linda representação de um grou-de-pescoço-branco – *Antigone vipio* (Pallas, 1811) (Gruiformes:



Gruidae) – de asas abertas (Figura 40). Essa espécie ocorre no nordeste da Mongólia e da China, atingindo a Rússia, e hibernando no Japão, Coreia e Taipei Chinês (ARCHIBALD *et al.*, 2019).



26

Singapura



27

Iraque



28

Sri Lanka



29

Coreia do Sul



30

Malásia



31

Tailândia



32

Mongólia



33

Turcomenistão

Figuras 26-33. Seleções da Ásia, associadas à AFC, com animais em seus escudos: 26. Singapura; 27. Iraque; 28. Sri Lanka; 29. Coreia do Sul; 30. Malásia; 31. Tailândia; 32. Mongólia; 33. Turcomenistão. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).





34

Austràlia



35

Indonésia



36

Arábia Saudita



37

Quirguistão



38

Síria



39

Jordânia



40

Taipei Chinês

Figuras 34-40. Seleções da Ásia, associadas à AFC, com animais em seus escudos: 34. Austrália; 35. Indonésia; 36. Arábia Saudita; 37. Quirguistão; 38. Síria; 39. Jordânia; 40. Taipei Chinês (ou Taiwan). Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

União das Associações Europeias de Futebol (UEFA)

A Europa possui apenas 14 seleções com animais representados em seus emblemas. Desse montante, oito possuem aves em seu escudo, oito têm mamíferos e uma possui uma serpente (Tabela



IV). A seleção da Romênia possui quatro animais em seu escudo – três mamíferos e uma ave, uma alusão ao brasão de armas nacional que mostra esses animais, simbolizando cada uma das províncias históricas do país com seus respectivos símbolos. São encontradas as silhuetas de uma águia e um golfinho não identificáveis, um leão e a cabeça de um auroque – *Bos primigenius* (Bojanus, 1827) (Artiodactyla: Bovidae) (Figura 41), espécie de bovino extinta que habitou a Europa, Ásia e norte da África, sendo considerada ancestral dos bovinos domésticos atuais – *Bos taurus* Linnaeus, 1758. A seleção de Montenegro também possui mais de um animal em seu escudo – um leão passante em heráldica no centro de um escudo posicionado sobre o peito de uma águia dourada de duas cabeças, também em heráldica, segurando um cetro e uma esfera, ambos com uma cruz (Figura 42). O leão representa a autoridade episcopal, enquanto a águia, um dos símbolos do império bizantino, simboliza a conexão entre o estado e a igreja. Esse símbolo também aparece no brasão de armas e na bandeira do país. Da mesma forma que Montenegro, a Rússia traz a mesma simbologia da águia coroada dourada de duas cabeças, com o cetro e a esfera em suas garras; além disso, no centro do brasão há a imagem de São Jorge montado em seu cavalo matando um dragão com uma lança, uma alusão a Ordem Imperial e Militar de São Jorge, instituída por Catarina II em 1789 para premiar militares (Figura 43).

Tabela IV. Seleções da União das Federações Europeias de Futebol (UEFA) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha; (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Alemanha	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Áustria	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Cazaquistão	Águia-das-estepes	<i>Aquila nipalensis</i> *	Aves
Chipre	Pombo-branco	Columbidae ^{NA}	Aves
Escócia	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Espanha	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
França	Galo	<i>Gallus gallus domesticus</i>	Aves
Holanda	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Inglaterra	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Montenegro	Águia /	Accipitriformes ^{NA} /	Aves /
	leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Polônia	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
República Checa	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Romênia	Leão /	<i>Panthera leo</i> /	Mammalia /
	auroque /	<i>Bos primigenius</i> * /	Mammalia /
	Golfinho /	Cetacea ^{NA} /	Mammalia /
	águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Rússia	Águia /	Accipitriformes ^{NA} /	Aves /
	cavalo	<i>Equus caballus</i>	Mammalia

Todas as outras seleções que possuem mamíferos em seus escudos trazem representações do leão em heráldica, sempre com ilustrações similares ao brasão de armas desses países. Emblemas reais representando leões foram usados pela primeira vez na Dinastia da Normandia (atual França), de origem viquingue, entre os anos de 1066 e 1154. A Escócia possui um leão rampante (Figura 44), incorporado desde 1603 às armas e bandeiras reais de escoceses, monarcas britânicos à época, com o intuito de simbolizar o país. A seleção espanhola, que traz o brasão de armas do país na camisa ao invés do símbolo da confederação nacional, possui um pequeno leão coroado rampante (Figura 45), usado pelo



rei galego Afonso VII no século XII como símbolo de sua monarquia, representando potência e primazia. A Holanda traz a cabeça de um leão coroado em heráldica (Figura 46), sendo o animal usado pela primeira vez por volta do ano de 1515 por Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, durante o seu reinado na região em que hoje está localizado o país. A seleção inglesa traz três leões passantes em seu escudo (Figura 47), usado inicialmente com um leão rampante pelo Rei Ricardo I durante o século XII, mas alterado para as três formas passantes em 1198. A República Checa usa um grande leão rampante com dois rabos sobre uma bola em seu escudo (Figura 48), sendo a imagem utilizada primeiramente por Přemysl Otakar II em 1247, e adotada em definitivo como símbolo nacional após ele herdar o trono tcheco, em 1253.

Da mesma forma que os leões, as águias também aparecem na forma de heráldica nos escudos de seis seleções, inspirados no brasão de armas de seus respectivos países. Além das seleções de Montenegro, da Romênia e da Rússia, a Alemanha tem no centro de seu emblema uma águia preta com as asas abertas (Figura 49), diferente do símbolo de sua confederação local e o mesmo utilizado no brasão de armas do país. A origem vem do antigo Sacro Império Romano-Germânico, onde associavam o animal ao deus Odin, destinando seu uso apenas para os imperadores no brasão de armas imperial. Esse símbolo estava associado à invencibilidade, coragem e bravura. A Áustria utiliza o mesmo símbolo do seu brasão de armas, a águia imperial negra, que traz uma corrente quebrada simbolizando a liberdade, e uma foice nas garras da perna direita e um martelo nas da perna esquerda, representando os camponeses e trabalhadores do país, além de uma coroa no topo da cabeça (Figura 50). Esse símbolo é usado desde os tempos da República da Áustria, em 1919, já tendo sido a águia representada com duas cabeças. Uma águia branca coroada aparece no escudo da seleção polonesa (Figura 51). Segundo a lenda, Lech, fundador da Polônia, teria estabelecido o território do país no local onde ele avistou um ninho de uma águia branca. A partir do século XII, durante a dinastia de Piast, a águia apareceu nos escudos, bandeiras e moedas polonesas, sendo a forma atual adotada a partir de 1927.

Três seleções têm em seus escudos representações de aves que não estão na forma heráldica. A seleção de Cazaquistão, que mesmo tendo seu território na Ásia está associada à UEFA, traz em seu emblema a silhueta de uma águia-das-estepes, *Aquila nipalensis* (Hodgson, 1833) (Accipitriformes: Accipitridae), em voo (Figura 52), assim como ocorre na bandeira nacional. Essa espécie ocorre em habitats secos, como estepes, savanas e desertos, sendo encontrada da Romênia até as estepes da Mongólia, migrando para a África durante o inverno (DECANDIDO *et al.*, 2001). A águia aparece nas bandeiras das tribos cazaques há séculos e representa liberdade, poder e o caminho para o futuro. O Chipre traz o contorno parcial de uma pomba branca junto a um ramo de oliveira no emblema (Figura 53), um conhecido símbolo de paz mundial. A presença do pássaro também se faz presente no brasão de armas do país. Por fim, a França traz um galo – *Gallus gallus domesticus* (Linnaeus, 1758) (Galliformes: Phasianidae) (Figura 54), uma das figuras simbólicas mais antigas do país. A razão de o galo ser um símbolo francês remonta das origens gaulesas da nação devido à semelhança entre a palavra galo em latim (*gallus*) com o nome do habitante da antiga Gália (gaulês). Os reis franceses, em especial Louis XIV, apreciavam esse emblema, tendo-o adotado como símbolo da França. Atualmente, o galo não é um dos símbolos oficiais do país, estando atrelado a uma França mais rural e relegado às áreas mais “subalternas”, como no esporte.

Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL)

A menor confederação da FIFA em número de países associados, com apenas dez seleções, possui apenas duas que trazem animais em seus símbolos – a Bolívia e o Equador (Tabela V). Ambas trazem o condor-dos-andes – *Vultur gryphus* Linnaeus, 1758 (Accipitriformes: Cathartidae), ave encontrada desde a Venezuela até a Terra do Fogo, localizada a oeste da Argentina (FERGUSON-LEES &



& CHRISTIE, 2001). Uma das maiores aves voadoras do mundo, era presença marcante da mitologia dos antigos povos que habitavam a região, como os incas, que creditavam ao condor-dos-andes o símbolo da imortalidade. Atualmente, a ave se faz presente também no brasão de armas da maioria dos países andinos, como Bolívia, Chile, Colômbia e Equador, sendo símbolo de energia e força, além de ser a ave símbolo da nação desses países. No escudo da seleção do Equador a ave é representada com as asas abertas de forma mais estilizada (Figura 55), ao passo que na seleção boliviana a ave é ilustrada de forma mais realística e próxima de suas características naturais (Figura 56).



41
Romênia



42
Montenegro



43
Rússia



44
Escócia



45 Espanha



46 KNVB
Holanda



47
Inglaterra



48
República Checa

Figuras 41-48. Seleções da Europa, associadas à UEFA, com animais em seus escudos: 41. Romênia; 42. Montenegro; 43. Rússia; 44. Escócia; 45. Espanha; 46. Holanda; 47. Inglaterra; 48. República Checa. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).





49

Alemanha



50

Áustria



51

Polônia



52

Cazaquistão



53

Chipre



54

França

Figuras 49-54. Seleções da Europa, associadas à UEFA, com animais em seus escudos: 49. Alemanha; 50. Áustria; 51. Polônia; 52. Cazaquistão; 53. Chipre; 54. França. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).



Tabela V. Seleções da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha. (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Bolívia	Condor-dos-andes	<i>Vultur gryphus</i> *	Aves
Equador	Condor-dos-andes	<i>Vultur gryphus</i> *	Aves



55

Equador



56

Bolívia

Figuras 55-56. Seleções da América do Sul, associadas à CONMEBOL, com animais em seus escudos: 55. Equador; 56. Bolívia. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF)

Apenas sete seleções associadas à CONCACAF possuem animais ilustrados em seus símbolos, sendo a confederação com menor proporção de países com animais representados em seus escudos. Desses, quatro são aves e três mamíferos (Tabela VI). No primeiro caso duas trazem a representação de aves de rapina – a seleção das Ilhas Virgens Americanas, com uma águia não identificada em heráldica segurando um ramo de louro e três flechas em suas garras (Figura 57), representando a vitória e as três ilhas do arquipélago, respectivamente, e a seleção do México, com a representação de uma águia-real (ou águia-dourada) – *Aquila chrysaetos* (Linnaeus, 1758) (Accipitriformes: Accipitridae) (Figura 58). A águia-real, presente também na bandeira e no brasão de armas do país, é um dos símbolos nacionais mexicanos, sendo considerada como ser celestial pelo povo asteca (ou mexica), além da encarnação do fogo e do sol. Segundo a lenda, os astecas migraram de Astlán, sua região original, devido a uma grande seca, e deveriam estabelecer-se no local onde encontrassem uma águia comendo uma serpente sobre um cacto. Isso foi observado próximo ao Lago Texcoco, onde então foi fundado Tenochtitlán (atual Cidade do México). Essa espécie apresenta grande distribuição mundial, sendo encontrada na América do Norte, entre o Alasca e o México central, norte da África e Eurásia (LEÓN-GIRÓN *et al.*, 2016).



Tabela VI. Seleções da Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe (CONCACAF) com animais presentes em seus símbolos, incluindo a etnoespécie representada e a identificação taxonômica mais precisa com base na ilustração e/ou por inferência de acordo com o motivo da escolha. ([?]) = identificação pouco precisa com base na ilustração e/ou por inferência; (*) = táxon nativo do país na qual foi representada; (NA) = não aplicável para táxons nativos/exóticos.

Seleção	Etnoespécie	ID mais precisa	Classe
Anguila	Golfinho	Cetacea ^{NA}	Mammalia
Antígua e Barbuda	Veado-gamero	<i>Dama dama</i>	Mammalia
Dominica	Papagaio-imperial	<i>Amazona imperialis</i> *	Aves
Ilhas Cayman	Leão	<i>Panthera leo</i>	Mammalia
Ilhas Virgens	Águia	Accipitriformes ^{NA}	Aves
Americanas			
México	Águia-real	<i>Aquila chrysaetos</i> *	Aves
São Cristóvão e Neves	Pelicano-pardo	<i>Pelecanus occidentalis</i> *	Aves

A seleção da Dominica traz a cabeça azulada de um papagaio-imperial – *Amazona imperialis* (Richmond, 1899) (Psittaciformes: Psittacidae) (Figura 59), ave endêmica das florestas de altitude do país (JUNIPER & PARR, 1998). A ave é designada símbolo nacional dominiquense, estando presente na bandeira e no brasão de armas do país. Em São Cristóvão e Neves um belo pelicano-pardo – *Pelecanus occidentalis* Linnaeus, 1766 (Pelecaniformes: Pelecanidae) – é encontrado de asas abertas no centro do escudo da seleção do país (Figura 60). Muito comum nas áreas costeiras do país, o pelicano-pardo é ave símbolo nacional, figurando também no brasão de armas. Ocorre quase em todo o continente americano, desde a costa do Pacífico, alcançando o litoral do Chile, até o Atlântico, sendo abrangente na área do Caribe e chegando até a foz do Rio Amazonas, ao norte da América do Sul (ELLIOT *et al.*, 2019).

Em relação aos mamíferos, o símbolo da seleção de Anguilla traz três golfinhos não identificáveis ao redor de uma bola (Figura 61), uma alusão à bandeira do país que também exibe os animais, representando resistência, união e força. As Ilhas Cayman trazem um leão em heráldica passante (Figura 62), também presente no brasão de armas do país e uma alusão ao Reino Unido, já que o mesmo é um território ultramarino britânico no Caribe. Já a seleção de Antígua e Barbuda possui em seu símbolo dois veados-gameros – *Dama dama* (Linnaeus, 1758) (Artiodactyla: Cervidae) – em pé com uma bola no centro (Figura 63). A espécie, apesar de nativa da Turquia, Irã e sul da Europa (MASSETI, 1999), foi trazida em 1700 para a ilha, vivendo livremente no território da ilha caribenha. Atualmente é o símbolo nacional do país, por ser a única ilha do Caribe oriental a possuir o animal em vida-livre.

Animais mitológicos

O uso de animais mitológicos nos escudos ocorre em cinco seleções, sendo o dragão utilizado em todas elas. A seleção do País de Gales traz um dragão vermelho em heráldica em posição rampante (Figura 64), também presente na bandeira do país, mas em posição passante. O dragão está associado ao país há muitos séculos, mas sua origem não é muito clara. Os reis galeses passaram a utilizar o animal a partir do século V depois da saída dos romanos da Grã-Bretanha, simbolizando poder. Acredita-se que o dragão tem ligação com a lenda do Rei Arthur, que era galês e cujo nome de seu pai, Uther Pendragon, significa Cabeça de Dragão. Além disso, há a profecia de Merlin, que prevê uma luta duradoura entre um dragão vermelho e um dragão branco, que significa a luta entre os galeses e os ingleses (JOHNSON, 2020). Já o Vietnã traz no seu emblema a cabeça de um dragão cuspidor de fogo com uma bola no ápice da chama (Figura 65). O país tem o dragão vietnamita como um importante símbolo cultural; segundo a lenda, o povo do Vietnã seria descendente de Lac Lon Quan, considerado o pai nacional e representado como um santo dragão (PIKE, 2018).





Concacaf



57

Ilhas Virgens Americanas



58

México



59

Dominica



60

São Cristóvão
e Neves



61

Anguilla



62

Ilhas Cayman



63

Antígua e Barbuda

Figuras 57-63. Seleções da América do Norte, Central e Caribe, associadas à CONCACAF, com animais em seus escudos: 57. Ilhas Virgens Americanas; 58. México; 59. Dominica; 60. São Cristóvão e Neves; 61. Anguilla; 62. Ilhas Cayman; 63. Antígua e Barbuda. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

A China traz dois animais mitológicos em seu escudo – o dragão chinês, um grande símbolo do folclore chinês e presente no horóscopo local, e uma ave mitológica chamada Fenghuang (Figura 66). O dragão chinês é uma criatura mística benevolente que representa poder, força, nobreza e boa sorte, possuindo características de diversos animais, como olhos de tigre, corpo de serpente e patas de águia. O dragão seria uma das quatro criaturas sagradas responsável pela criação do mundo. A figura do dragão foi utilizada como símbolo do poder imperial, estando presente nas bandeiras nacionais durante a Dinastia Qing (KAWAKAMI, 1998). Já o pássaro mitológico Fenghuang, eventualmente chamado de “fênix chinesa”, é originário da lenda ocidental na qual a ave teria sido consumida por chamas e, posteriormente, teria renascido das cinzas, simbolizando a virtude e a graça (MIKKOLAINEN, 2008).

O Japão tem em seu escudo a representação de um corvo – *Corvus* Linnaeus, 1758 (Passeriformes: Corvidae) em seu escudo (Figura 67). No entanto, o animal possui três pernas, sendo chamado de Yatagarasu. Segundo a mitologia japonesa, esse animal teria sido enviado do céu para guiar primeiro o imperador japonês, Jimmu, em sua viagem pelas montanhas da região. Dessa forma, o animal se tornou o símbolo do domínio imperial japonês. A aparição do corvo de três pernas é interpretada como evidência da vontade do céu ou intervenção divina nos assuntos humanos (HERITAGE OF JAPAN, 2011).

Por fim, como já mencionado anteriormente, a Rússia traz uma grande águia coroada e na porção central do escudo a imagem de São Jorge, montado em seu cavalo branco, matando um dragão verde com sua lança (Figura 43).



Figuras 64-67. Seleções com animais mitológicos em seus escudos: 64. País de Gales; 65. Vietnã; 66. China; 67. Japão. Fonte: Google Imagens (adaptado pelo autor).

Mascotes

O uso de mascotes oficiais em Copas do Mundo teve início no torneio de 1966, disputado na Inglaterra. Elas foram criadas com o intuito de promover maior divulgação do campeonato, além de visar o lucro com a venda de produtos licenciados. A adoção de uma mascote proporcionou à FIFA um aumento de até dois milhões de dólares na receita com publicidade e propaganda do evento de 1966, mas atualmente essas cifras ultrapassam os três bilhões de dólares (DUARTE, 2012). Até a Copa do Mundo de 2018 foram utilizadas 14 mascotes, das quais 50% constituem animais (excluindo-se aqui o homem), sendo seis mamíferos e uma ave.

Na copa de 1966, disputada na Inglaterra, a mascote adotada foi o leão Willie (Figura 68), inspirado no filho do seu criador, o artista plástico Reg Hoye. O leão é o animal-símbolo da Inglaterra e, por isso, Willie vestia uma camisa que representava a bandeira do Reino Unido e chuteiras vermelhas. A próxima mascote inspirada em um animal só surgiu quase 30 anos depois, na Copa do Mundo de 1994, sediada nos Estados Unidos – o cachorro Strike [*Canis lupus familiaris* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae)] (Figura 69), escolhido pelo fato de o cachorro ser o animal de estimação mais adotado no país. A mascote foi criada pela Warner Bros Entertainment e seu uniforme remetia às cores da bandeira estadunidense. Na copa seguinte, em 1998, com sede na França, a mascote adotada foi o galo Footix (Figura 70), escolhido pelo fato do animal ser um dos símbolos mais utilizados no país, estando inclusive presente no escudo da seleção francesa. O animal tem o corpo azul, assim como o primeiro uniforme do selecionado nacional, e seu nome é uma mistura da palavra futebol em inglês (*football*) com Asterix, o mais famoso personagem de um desenho animado francês.

Em 2006, na Copa da Alemanha, novamente um leão aparece como mascote do torneio (Figura 71). O leão Goleo, que vem da junção das palavras gol e *leo*, vinha acompanhado de uma bola falante chamada Pille. Em 2010, no torneio realizado na África do Sul, a primeira Copa do Mundo realizada no continente africano teve um leopardo* nas cores verde e amarela criado pelo artista sul-africano Andries Odenhaal (Figura 72). Chamado de Zakumi, já que ZA é a sigla oficial para África do Sul e *Kumi* é a palavra que designa o número dez, ano em que o evento foi realizado, na maioria das línguas locais do país, a mascote representa a ainda recente democracia sul-africana. Na copa de 2014, realizada no Brasil, a mascote foi representada por um tatu-bola-da-caatinga [*Tolypeutes tricinctus* (Linnaeus, 1758) (Cingulata: Dasypodidae)], espécie típica da caatinga nordestina e com estado de conservação ameaçado (Figura 73). Recebeu o nome de Fuleco, uma alusão à junção das palavras futebol e Ecologia, em uma escolha por meio de votação popular. A sugestão do animal como mascote veio da ONG Associação Caatinga, devido ao fato de o tatu-bola-da-caatinga ser o tatu mais ameaçado do Brasil, tendo desaparecido em muitos estados devido às atividades de caça. Além disso, o animal tem a habilidade de curvar-se sobre si mesmo para se proteger quando ameaçado, ficando no formato de uma bola. Por fim, a Copa do Mundo da Rússia de 2018 trouxe um lobo-cinzento [*Canis lupus* Linnaeus, 1758 (Carnivora: Canidae)] criado pela designer Ekaterina Bocharova (Figura 74), que utiliza roupas nas cores da bandeira russa e óculos de esqui. O animal ganhou a disputa em votação popular diante de um tigre e um gato, sendo batizado de Zabivaka, que em russo significa aquele que marca um gol.

Diversidade Taxonômica

Apenas 62 seleções das 211 afiliadas à FIFA trazem algum animal em seus emblemas, representando cerca de 30% dos países. Desse total, 40 táxons foram identificados, sendo 36 ao menos em nível de gênero (Tabela VII). Os casos em que não foi possível identificar os táxons com mais precisão

* Embora seja oficialmente referido pela FIFA como um leopardo, Zakumi se assemelha muito mais a um guepardo, *Acinonyx jubatus* (Schreber, 1775), especialmente quanto ao formato das pintas.



são relativos a algumas aves de rapina representadas em heráldica (e.g. Alemanha, Arábia Saudita, Áustria, Nigéria, Síria, entre outras), cujas identificações ficaram em nível de ordem – Accipitriformes e Falconiformes, duas representações de pombas brancas (Chipre e Tonga), identificadas apenas em família – Columbidae, e dois escudos com golfinhos (Anguila e Romênia), identificados apenas em nível de infraordem – Cetacea.



68
Willie
(Inglaterra - 1966)



69
Strike
(EUA - 1994)



70
Footix
(França - 1998)



71
Goleo
(Alemanha - 2006)



72
Zakumi
(África do Sul - 2010)



73
Fuleco
(Brasil - 2014)



74
Zabivaka
(Rússia - 2018)

Figuras 68-74. Mascotes com representações de animais das Copas do Mundo de 1966-2018: 68. Willie (leão); 69. Strike (cachorro); 70. Footix (galo); 71. Goleo (leão); 72. Zakumi (leopardo); 73. Fuleco (tatu-bola); 74. Zabivaka (lobo). Fonte: Google Imagens; adaptado pelo autor.

Tabela VII. Número de representantes (NR), hábito alimentar e estado de conservação (segundo a IUCN) nos táxons presentes nos logotipos das confederações/seleções de futebol associadas à FIFA.

Táxon	NR	Hábito Alimentar	Estado de Conservação (IUCN)
Arthropoda			
<i>Pandinus imperator</i> [?]	1	predador	Não Avaliada
Reptilia			
<i>Dendroaspis polylepis</i>	1	predador	Pouco Preocupante
Mammalia			
<i>Bos grunniens</i> [?]	1	herbívoro	Vulnerável
<i>Bos javanicus</i>	1	herbívoro	Em Perigo Crítico
<i>Bos primigenius</i>	1	herbívoro	Extinto
<i>Bos taurus indicus</i>	1	herbívoro	Não Avaliada
Cetacea	2	predador	Não Aplicável
<i>Dama dama</i>	1	herbívoro	Pouco Preocupante
<i>Elephas maximus indicus</i>	1	herbívoro	Em Perigo
<i>Equus caballus</i>	3	herbívoro	Não Avaliada
<i>Equus quagga burchelli</i>	1	herbívoro	Quase Ameaçada
<i>Hippotragus niger</i>	1	herbívoro	Dependente de Conservação
<i>Loxodonta cyclotis</i>	1	herbívoro	Vulnerável
<i>Macropus rufus</i>	1	herbívoro	Pouco Preocupante
<i>Nanger dama</i>	1	herbívoro	Em Perigo Crítico
<i>Panthera leo</i>	12	predador	Vulnerável
<i>Panthera pardus</i>	2	predador	Vulnerável
<i>Panthera tigris</i>	1	predador	Em Perigo
<i>Panthera tigris jacksoni</i>	1	predador	Em Perigo Crítico
<i>Stenella longirostris</i>	1	predador	Dados Deficientes
Aves			
Accipitriformes	12	predador	Não Aplicável
<i>Antigone vipio</i>	1	onívoro	Vulnerável
<i>Amazona imperialis</i>	1	frugívoro	Em Perigo
<i>Aquila chrysaetos</i>	1	predador	Pouco Preocupante
<i>Aquila nipalensis</i>	1	predador	Pouco Preocupante
<i>Balearica pavonina</i>	1	onívoro	Vulnerável
Columbidae	2	onívoro	Não Aplicável
<i>Corvus</i> sp.	1	onívoro	Não Aplicável
<i>Dromaius novaehollandiae</i>	1	onívoro	Pouco Preocupante
Falconiformes	2	predador	Não Aplicável
<i>Gallus gallus domesticus</i>	1	onívoro	Não Avaliada
<i>Hieraaetus pennatus</i> [?]	1	predador	Pouco Preocupante
<i>Milvus migrans</i>	1	predador	Pouco Preocupante
<i>Paradisea raggiana</i>	1	onívoro	Pouco Preocupante
<i>Pelecanus occidentalis</i>	1	predador	Pouco Preocupante
<i>Psittacus erithacus</i>	1	frugívoro	Em Perigo
<i>Rhynchoceros jubatus</i>	1	predador	Em Perigo
<i>Terathopius ecaudatus</i> [?]	1	predador	Quase Ameaçada
<i>Trigonoceps occipitalis</i> [?]	1	carniceiro / predador	Vulnerável
<i>Vultur gryphus</i>	2	carniceiro / predador	Vulnerável



Em relação aos animais identificados em níveis taxonômicos mais baixos, há apenas um invertebrado – um escorpião-imperador (Arthropoda: Cheliceriformes: Scorpiones), presente no escudo da seleção de Gâmbia, o que constitui menos de 2% do total dos animais representados. Dentre os vertebrados, praticamente todas as seleções trazem a representação de uma ave (27 seleções – 44%) ou de um mamífero (26 seleções – 42%), ou ambas (cinco seleções – 8%). Foram identificados 18 táxons pertencentes aos mamíferos e 20 às aves. A única seleção que trouxe um réptil em seu escudo foi a de Moçambique, com uma serpente mamba-negra ilustrada (menos de 2%). Assim, mesmo os invertebrados constituindo aproximadamente 95% do total de espécies do planeta (LEWBART, 2011), pode-se notar que há uma inversão na representatividade dos animais utilizados pelas seleções em seus escudos, que são constituídos por 98% de vertebrados. A grande predileção por vertebrados para representar suas equipes, em especial por mamíferos e aves, não é novidade nas atividades desportivas, já tendo sido registrada em trabalhos anteriores (e.g. DUMAS & DA-SILVA, 2016; DUMAS, 2018; FRANCISCHETTI *et al.*, 2018). Isso também ocorre em outras formas de manifestações culturais, como na literatura, na música, no cinema e nas histórias em quadrinhos (e.g. DA-SILVA *et al.*, 2014; SERPA FILHO & SILVA, 2019). DUMAS (2018) ressalta que essa acentuada predileção por mamíferos e aves nas manifestações culturais muito possivelmente tem ligação com o fato de esses táxons constituírem presenças marcantes na história da humanidade, tendo em vista que a domesticação e a criação dos mesmos constituiu papel fundamental na sustentação da cultura humana, servindo como fonte de alimentação, gerando produtos secundários consumidos pelo homem e fornecendo energia para o trabalho e transporte, dentre outras atividades. Além disso, tanto mamíferos como aves constituem os mais populares animais de estimação.

Há uma preferência pelo uso de animais predadores por parte dos selecionados nacionais. Das 62 seleções com animais em seus escudos, 45 equipes possuem algum animal predador em seu símbolo, representando 72% do total (Tabela VII). Isso é muito comum na área desportiva, tendo em vista que o esporte coletivo, em especial o futebol, é uma atividade com alto grau de competitividade e rivalidade (DUMAS, 2018). Assim, o uso de um animal predador para a representação da agremiação tem como intuito impor sentimentos de força, superioridade, medo e agressividade sobre o seu oponente. Dentre os grupos mais representados encontram-se ainda os superpredadores (predadores de topo de cadeia ou predadores alfa), como as aves de rapina (águias, falcões, abutres e condores), presentes em 22 seleções, e os felídeos (leões, leopardos, panteras e tigres), que ocorrem em 18 equipes. As águias, abutres e condores (ordem Accipitriformes) e o leão (*Panthera leo*), presentes em 20 e 12 seleções, respectivamente, foram os grupos taxonômicos mais representados. Além dos predadores, outro grupo bem representado foram os mamíferos herbívoros biungulados (ordem Artiodactyla, subordem Ruminantia), com duas espécies de cervídeos e cinco de bóvidos, presentes em sete seleções. Dessas, chama atenção o fato de quatro espécies de nove existentes serem pertencentes ao gênero *Bos* Linnaeus, 1758 (Bovidae) – auroque (*B. primigenius*; seleção da Romênia), bantengue (*B. javanicus*; seleção da Indonésia), iaque (*B. grunniens*; seleção da Mongólia), e o zebu (*B. taurus indicus*; seleção de Madagascar). Em todos os casos, a presença do bovino está relacionada ao fato desses animais exercerem grande importância na economia local, como provedores de leite, carne e fibra, além de serem muito usados para animais de carga. Até mesmo o auroque, uma espécie já extinta e que habitava a Europa, Ásia e norte da África, teve papel primordial nesse fato, já que sua domesticação durante o Neolítico deu origem as duas linhagens de gado doméstico atual – *B. taurus taurus* (gado taurino) e *B. taurus indicus* (gado zebuino) (PARK *et al.*, 2015).

O uso de animais silvestres nativos (válido apenas no caso em que os táxons foram identificados ao menos em nível de gênero) em seus escudos é amplamente adotado pelas seleções – 40 seleções trazem animais típicos de sua fauna e apenas 14 animais que podem ser considerados exóticos a essa fauna (Tabelas I-VI). Isso contradiz o que foi demonstrado em outros estudos com representações de



animais em escudos de equipes desportivas (e.g. DUMAS & DA-SILVA, 2016; DUMAS, 2018), onde a presença de animais exóticos era predominante ou pelo menos similar àquela da fauna nativa. No entanto, pelo fato deste trabalho tratar de seleções e não de equipes locais, o nacionalismo, em alguns casos até mesmo de forma exacerbada, é muito mais forte. O futebol é capaz de proporcionar um sentimento de amor à pátria que, muitas vezes, uma questão social ou econômica não consegue, em especial durante a Copa do Mundo. A maioria dessas seleções, inclusive, tem seus símbolos inspirados no brasão de armas de seus respectivos países, brasões esses que trazem o simbolismo e identificação de uma dada região, incluindo em muitos casos a fauna e a flora local. Assim, é esperado que animais (e/ou plantas) nativos sejam representados.

No entanto, ainda dentro dessa temática, o caso que mais chama atenção é a Europa, que vai na contramão das outras confederações continentais, com nove países afiliados à UEFA possuindo animais que não pertencem a fauna local europeia em detrimento de apenas dois que usaram animais nativos – o Cazaquistão, que traz uma águia-das-estepes (*Aquila nipalensis*), e a Romênia, com a cabeça de um auroque (*B. primigenius*), como já mencionado (Tabela IV). Dentre esses animais exóticos destaca-se o leão, que aparece em sete seleções, quase sempre na forma de heráldica. Isso ocorre pelo fato dessas seleções utilizarem os símbolos presentes nos seus brasões de armas, onde o leão figura como um dos animais mais nobres nesses escudos, sendo símbolo de força, grandeza, coragem, nobreza de condição, domínio e proteção. Mesmo não sendo um animal tipicamente europeu, o “rei dos animais” é amplamente adotado na simbologia heráldica do continente desde a sua adoção nos primórdios do século XII. Diferentemente da águia, utilizada exclusivamente como símbolo imperial, o leão foi adotado também como símbolo das cavalaria, não estando restrito aos brasões reais. No entanto, o uso de leões como símbolos reais parece ser ainda mais antigo, datando da Era Medieval, usado inicialmente pelos reis para designar os clãs de suas famílias, e posteriormente adotado como um símbolo cristão nos reinos europeus ocidentais durante os séculos VI e VII (SHANZER & MATHISEN, 2013). A origem da adoção do leão como um dos símbolos do cristianismo possivelmente vem do fato de o animal ser comum na região da Palestina nos tempos bíblicos, fazendo parte do simbolismo político e religioso da época. Por ser um animal imponente, era relatado como um rei pelos judeus, sendo utilizado para representar uma linhagem real da tribo de Judá, o que culminou nas escritas do livro do Apocalipse, sendo associado a Jesus Cristo, tido como o Messias salvador. Na passagem bíblica do LIVRO DO APOCALIPSE, capítulo cinco, Jesus é designado como o “Leão da tribo de Judá” – “*Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos*” (Apocalipse 5:5).

Aplicabilidade na Conservação e Biologia de Espécies

Apesar deste trabalho não ter como objetivo principal propor atividades de ensino e conservação, uma rápida síntese de possíveis discussões sobre temas específicos para tais fins é realizada aqui. Além da aplicação em conceitos específicos ligados à Zoologia (caracterização morfológica), conceitos biológicos gerais (alimentação, predação, competição, mutualismo, colonialismo, reprodução, ciclo de vida) e aplicados (controle biológico, conservação ambiental), algumas outras temáticas importantes dentro do campo da Biologia Animal e Conservação são exemplificados abaixo.

O desaparecimento de uma espécie (extinção) é um fenômeno natural quando essa não consegue se adaptar a mudanças ambientais rápidas. Tais mudanças ocorrem naturalmente, gerando em média taxas de uma extinção a cada milhão de espécies; no entanto, as interferências ambientais antrópicas vêm acelerando de forma intensa o ambiente, gerando taxas que variam entre 1.000 e 10.000 extinções a cada milhão de espécies (RAUP, 1994; PIMM *et al.*, 1995). Assim, planos de ação para conservação de determinadas espécies são urgentes diante dessa grande ameaça, sendo fundamental para um bom plano de ação o uso de enfoques multidisciplinares, tais como estratégias biológicas e



ecológicas, sociais, econômicas, políticas e culturais.

A LISTA VERMELHA DE ESPÉCIES AMEAÇADAS da União Internacional para a Conservação da Natureza e dos Recursos Naturais (IUCN) é uma ferramenta reconhecida e utilizada mundialmente para avaliar o estado de conservação das espécies de fauna e flora (IUCN, 2020B). As espécies são classificadas segundo alguns critérios, tais como o conhecimento atual das tendências populacionais, da distribuição e de ameaças recentes, atuais ou projetadas, que inserem cada espécie em uma categoria de ameaça. Atualmente, pouco mais de 112.000 espécies estão incluídas na Lista Vermelha, sendo cerca de 30.000 espécies classificadas com risco de extinção (IUCN, 2020A).

Considerando o estado de conservação dos 40 táxons presentes nos escudos das 62 seleções, 16 encontram-se ameaçados segundo a Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas (Tabela VII). Desses, três espécies/subespécies estão classificadas na categoria “Em Perigo Crítico”, a de maior risco para as espécies selvagens, próximos da extinção na natureza – bantengue (*Bos javanicus*), na seleção da Indonésia, a gazela-dama (*Nanger dama*), na seleção de Níger, e o tigre-malaio (*Panthera tigris jacksoni*), na seleção da Malásia. Ter a imagem de um animal à beira da extinção atrelada às seleções desses países poderia tornar-se uma importante ferramenta na elaboração de um plano de ação nacional para a conservação dessas espécies, tendo em vista que o futebol é um esporte de grande visibilidade, atingindo milhares de pessoas. É o caso da Federação de Futebol da Malásia (FAM), que desde 2015 tem a Aliança de Conservação da Malásia para Tigres (MYCAT) como sua parceira de responsabilidade social, trabalhando com o grupo para obter apoio e aumentar a conscientização da população sobre a necessidade de salvar os tigres-malaio, cujas principais ameaças são a caça furtiva e o comércio ilegal. A população dessa subespécie na natureza possui apenas cerca de 300 indivíduos atualmente. Esse tipo de iniciativa, bastante positiva, poderia ser feita por outras seleções, sendo intensificada em campanhas realizadas com os jogadores, treinadores e dirigentes das federações para conscientização em massa dos torcedores dessas equipes, despertando assim o mesmo orgulho e paixão pelos animais que os apoiadores possuem pelo futebol em geral. Além disso, uma pequena parte da verba arrecadada com vendas de ingressos e itens associados à imagem dessas seleções poderia ser revertida em doativos para organizações que trabalham em causas preservacionistas. No entanto, muito pouco é realizado nesse sentido. Muitas seleções possuem grande potencial para tal tipo de campanha, como é o caso, por exemplo, da seleção da Costa do Marfim, que possui jogadores de grande renome mundial atuando nos principais centros do mundo e poderia, assim, realizar campanhas em prol da preservação dos elefantes e contra a extração e o comércio do marfim, ainda as principais causas do decréscimo na população de elefantes-africanos.

No Brasil, onde foi realizada a Copa do Mundo de 2014, a mascote oficial do evento foi um tatu-bola-da-caatinga (*Tolypeutes tricinctus*), uma espécie endêmica da caatinga e do cerrado brasileiro e que corre grande risco de extinção em médio prazo, estando classificada como Vulnerável na Lista Vermelha. No entanto, segundo a ONG Associação Caatinga, que defendeu a candidatura do animal à mascote do evento, nenhuma ação ambiental para conservação dessa espécie foi tomada durante ou após o evento por parte da FIFA ou da CBF (MELO *et al.*, 2014; CABRAL *et al.*, 2017). Inclusive, a grande maioria das pessoas sequer sabe que o Fuleco foi inspirado em um tatu-bola. Diversas medidas no que se refere à preservação ambiental poderiam ter sido adotadas pelo governo brasileiro utilizando parte do fundo de cerca de 20 milhões do Legado da Copa do Mundo de 2014, porém nada foi feito nesse sentido (MELO *et al.*, 2014). Assim, a intenção da ONG com o Fuleco, que era divulgar informações sobre a espécie e chamar a atenção da população e dos governantes para a necessidade de conservar a espécie e a Caatinga, não foi atingida. Dessa forma não foi apenas o futebol da seleção brasileira na goleada de 7 x 1, sofrida diante da Alemanha, que foi esquecido durante a Copa do Mundo de 2014.

Outro tema que pode ser abordado é a migração de espécies, que ocorre periodicamente e quase sempre de áreas com baixa disponibilidade de recursos e condições climáticas desfavoráveis para



regiões mais produtivas e com climas mais amenos (DAVID, 1968), sendo primordial para sobrevivência e ciclo de vida dessas espécies. Dentre os principais fatores motivadores da migração, destacam-se a procriação, a escolha de locais seguros para nidificação, locais para hibernar/repousar durante o inverno, evitar o excesso de calor, frio, chuva ou seca, entre outros. Dentre os grupos que realizam essa atividade, destacam-se as aves, em especial grou, cegonhas, aves de rapina e marinhas. Diversos fatores são utilizados para orientação das aves, dentre eles o reconhecimento das características topográficas, pela posição do sol, pelo vento e até mesmo pelo campo magnético terrestre (BERTHOLD, 2013). Dentre as principais ameaças às aves migratórias, encontram-se o abate ilegal e a redução dos habitats desses animais, devido a queimadas, intensificação de agricultura e pecuária, poluição marinha.

Diversas aves registradas neste trabalho são migratórias, algumas delas realizando migração de grandes distâncias, como, por exemplo, o grou-de-pescoço-branco (*Antigone vipio*), presente na seleção de Taipei Chinês, que migra de seus locais de reprodução no leste da Rússia para invernar na China e no Japão (HIGUCHI *et al.*, 2004); a águia-das-estepes (*Aquila nipalensis*), símbolo da seleção cazaque, encontrada no leste da Europa até as estepes mongóis, na Ásia, mas que migra no inverno para regiões da África e da Índia (BESTEN, 2004); e a águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*), ilustrada no escudo da Jordânia, que habita o sul da Europa e norte da África, mas que inverte na África subsaariana e sul da Ásia (PREMUDA *et al.*, 2007). Uma espécie cujos movimentos migratórios são bem estudados é a águia-real (*Aquila chrysaetos*), presente no escudo da seleção mexicana. Essa espécie possui uma ampla distribuição no Hemisfério Norte, ocorrendo na Europa, Ásia, norte da África e América do Norte. As populações da América do Norte que vivem no Alasca e no norte do Canadá migram mais de 4.000 quilômetros para o sul durante o inverno, alcançando o sul dos Estados Unidos e o México. No entanto, muitas populações que vivem em latitudes mais baixas, como no próprio México e áreas do norte da África são sedentárias (MCINTYRE *et al.*, 2008).

A domesticação de animais (ou plantas) é um processo co-evolutivo, mutualístico e cultural no qual os seres humanos assumem controle reprodutivo e de cuidado de animais, criando-os em cativeiro, com o intuito de assegurar recursos de seu interesse. Nesse processo, tanto humanos quanto os animais asseguram maior sucesso reprodutivo, aumentando seu fitness (MELINDA, 2012). Apesar dos benefícios para o desenvolvimento da civilização humana, o processo de domesticação gera opiniões controversas quanto aos seus benefícios e malefícios. O processo de domesticação acompanha a História da Humanidade, sendo anterior à Revolução Neolítica. A domesticação de lobos em cães é o primeiro exemplo conhecido, possivelmente há cerca de 33.000 anos atrás (OVODOV *et al.*, 2011). Dentre os animais presentes no símbolo da seleção da Romênia encontra-se um auroque (*Bos primigenius*), espécie de bovino selvagem extinta em 1627 e que habitou a Europa, Ásia e norte da África, sendo considerado o ancestral do gado doméstico atual (*B. taurus*). A domesticação do auroque ocorreu durante o Neolítico, há cerca de 10.500 anos atrás, e deu origem às duas linhagens de gado doméstico atual (PARK *et al.*, 2015). Esse processo foi fundamental para o desenvolvimento da civilização, tendo em vista que esses animais foram utilizados pelo homem para atender suas necessidades como tração, couro, leite e carne. Outras espécies de bovinos também foram domesticadas, como o bantengue (*B. javanicus*) e o iaque (*B. grunniens*), presentes nos escudos das seleções da Indonésia e da Mongólia, respectivamente. Além disso, a hibridação entre as diferentes espécies de bovinos ocorre tanto espontaneamente quanto por cruzamento artificial (NIJMAN *et al.*, 2003). Assim, dentro dessa temática é interessante o debate de determinados assuntos que envolvem o processo de domesticação de animais, como seleção natural x seleção artificial, co-evolução e hibridação de espécies.

A enorme presença de grandes felinos do gênero *Panthera* Oken, 1816 nos escudos das seleções permite uma discussão acerca de temas interessantes como biogeografia, que envolve a investigação dos padrões e processos responsáveis pela distribuição das espécies, e melanismo, fenômeno caracterizado pela produção excessiva do pigmento melanina em função de uma mutação genética. No



primeiro caso podemos observar a presença de leões (*P. leo*) nas seleções de três diferentes continentes – África, Ásia e Europa, enquanto que o tigre (*P. tigris*) aparece apenas em seleções asiáticas. Além dessas duas espécies, o gênero *Panthera* possui outras três espécies modernas – o leopardo (*P. pardus*), presente na África Subsaariana, em algumas localidades da Ásia Central e Ocidental e no subcontinente indiano; o leopardo-das-neves [*P. uncia* (Schreber, 1775)], nativo das cadeias montanhosas do sul e da região central da Ásia; e a onça-pintada ou jaguar [*P. onca* (Linnaeus, 1758)], único representante atual do gênero *Panthera* no Novo Mundo (SUNQUIST & SUNQUIST, 2002), distribuído do sudoeste dos Estados Unidos até o norte da Argentina.

Compreender a história evolutiva dos grandes felinos tem sido um desafio nos últimos anos em virtude dos rápidos e muito recentes eventos de especiação, além dos poucos registros fósseis (JOHNSON *et al.*, 2006). A origem do gênero *Panthera* data entre 3,8-10,8 milhões de anos atrás, possivelmente no norte da Ásia Central, mas especificamente no Platô Tibetano, de onde foi encontrado o fóssil mais antigo das panteras datado entre o final do Mioceno e início do Plioceno – *Panthera blytheae* Tseng *et al.*, 2013. A partir dessa distribuição original, três processos de dispersão se sucederam, dando origem às linhagens atuais de grandes felinos – dois processos separados iniciais durante o Mioceno no Sudeste Asiático deram origem às linhagens genéticas do tigre/leopardo-das-neves e do leopardo-nebuloso [*Neofelis nebulosa* (Griffith, 1821) – o outro gênero da subfamília Pantherinae], ambas restritas ao continente asiático; posteriormente, ainda no Mioceno, outro processo de dispersão gerou a linhagem genética leão/leopardo/jaguar (TSENG *et al.*, 2013). Essa linhagem posteriormente migrou para o subcontinente indiano, na Ásia, e a para a África, provavelmente pela região onde o Canal de Suez foi construído, em uma extensão de terra que liga África e Ásia, dando origem aos leões modernos atuais; para a Eurásia, dando origem a linhagem do leão-das-cavernas europeu (*P. leo spelaea* Goldfus, 1810) e do jaguar-europeu (*P. gombaszoegensis* Kretzoi, 1938); e para a América do Norte, via estreito de Bering, quando os oceanos apresentavam níveis mais baixos durante o Pleistoceno tardio, originando a linhagem dos leões-americanos (*P. leo atrox* Leidy, 1853). Essas duas últimas linhagens sobreviveram na Europa, norte da Ásia e América do Norte até cerca de 11.000 anos atrás, quando a grande extinção em massa do fim do Pleistoceno extinguiu essas espécies (BARNETT *et al.*, 2009).

Por fim, um último evento de dispersão ocorreu na América, onde os grandes felinos atingiram a América do Sul pelo Istmo do Panamá, formado há cerca de 3 milhões de anos, durante o Plioceno, originando os jaguares modernos. No entanto, a origem dos jaguares atuais é do Velho Mundo, mas ainda suscita discussões, tendo em vista que seu relacionamento com as outras espécies ainda se encontra em aberto, sendo a espécie ora posicionada como mais próxima aos leopardos por evidência morfológica, ora mais próxima dos leões (ou de um clado formado por leões e leopardos) com base em evidências moleculares (JOHNSON *et al.*, 2006; FIGUEIRÓ *et al.*, 2017). Além disso, alguns autores acreditam que o jaguar-europeu seria, na verdade, uma subespécie do jaguar moderno (WERDELIN *et al.*, 2010). Assim, podemos perceber que a presença dos leões em seleções asiáticas e africanas (e até mesmo nas europeias) e de tigres apenas em seleções da Ásia respeita a distribuição atual e histórica desses animais.

O melanismo em felinos também pode ser exemplificado neste trabalho. As seleções da República Democrática do Congo e do Gabão trazem em seus escudos um leopardo (*P. pardus*), porém no primeiro caso temos a representação do animal em sua forma selvagem normal, malhada, e no segundo caso a presença de uma forma melânica, totalmente escura, chamada popularmente de pantera-negra. Pode-se definir o melanismo como um polimorfismo de coloração comum em alguns animais, no qual há o escurecimento geral da pigmentação superficial do tegumento em relação ao padrão fenotípico normal ou selvagem, devido à alta produção de melanina. A presença de indivíduos melânicos pode estar relacionada a um potencial papel adaptativo, podendo influenciar em fatores biológicos essenciais à sobrevivência da espécie, como termorregulação, suscetibilidade, camuflagem,



seleção sexual e sucesso reprodutivo (MAJERUS, 1998). Dentre os diversos grupos de organismos que apresentam indivíduos de coloração polimórfica, destacam-se os felinos, tanto os gatos domésticos quanto as formas selvagens. Dentre as diversas formas de padrões polimórficos do tegumento, como pintas, rosetas, listras, manchas etc., destaca-se o melanismo, presente em 13 das 38 espécies da família Felidae, mas em apenas duas dentro da linhagem das panteras – o leopardo e a onça-pintada (SCHNEIDER *et al.*, 2012), cujas formas melânicas são conhecidas popularmente como pantera-negra e onça-preta, respectivamente. No entanto, no Brasil, as pessoas de modo geral se referem às formas melânicas tanto da onça-pintada (*P. onca*) como da suçuarana (ou onça-parda) [*Puma concolor* (Linnaeus, 1771)], essa última mais rara de ocorrer na natureza, pelo nome de pantera, pantera-negra ou onça-preta, sem muita distinção entre ambas. Isso já não ocorre nas formas selvagens normais, chamadas de onça-pintada e onça-parda.

Considerações Finais

Cerca de 30% das seleções utilizam animais em seus símbolos, dos quais apenas um traz um invertebrado. Essa enorme superioridade de vertebrados, mesmo esse grupo constituindo apenas cerca de 5% das espécies animais descritas, é corriqueiro nas mais diversas formas de manifestações culturais da humanidade. Isso possivelmente ocorre pelo fato dos invertebrados serem erroneamente vistos como seres repugnantes e causadores de problemas, como transmissores de doenças, pragas agrícolas, etc., pela grande maioria da população (DUMAS, 2018). Dentro dos vertebrados, os mamíferos e aves são, de longe, o grupo de maior preferência (apenas uma serpente foi representada fora desses dois grupos), em especial animais predadores, como os felídeos e as aves de rapina. A adoção de superpredadores como símbolos de agremiações esportivas é algo comum e até mesmo esperado, tendo em vista o fato de que as mesmas apresentam alta competitividade e esses animais possuem como atributos a ferocidade, a agressividade e grande capacidade de caça, características fundamentais para intimidar seus adversários.

A Zoologia Cultural, ramo da ciência que estuda as diferentes manifestações zoológicas na cultura popular, ainda é um campo de estudo relativamente novo, necessitando de conceituações mais robustas (DA-SILVA & COELHO, 2015; DA-SILVA, 2018). No entanto, essa área de estudo vem crescendo e ganhando mais adeptos nos últimos anos. Dentre as diversas aplicações da Zoologia Cultural, destacam-se a grande possibilidade do uso de uma linguagem mais fácil na área de divulgação científica e no desenvolvimento de trabalhos para o aprendizado no campo do Ensino de Biologia, funcionando como uma importante estratégia motivacional para despertar maior interesse dos discentes na área de estudo abordada em sala de aula (*e.g.* BARROS *et al.*, 2013; COSTA & BARROS, 2014; BRANDÃO & BARROS, 2017). Apesar de ainda pouco exploradas no Brasil, a utilização de outras ferramentas de ensino, além dos livros didáticos, vem ganhando força nos últimos anos em detrimento das práticas pedagógicas tradicionais, que na maior parte do tempo não acompanham a rápida evolução do mundo moderno e a demanda variada dos alunos (SAMPAIO, 2018).

Nesse sentido, o uso do esporte, em especial o futebol – a mais popular dentre todas as atividades desportivas, pode constituir um excelente recurso didático no auxílio das atividades de estudos de ciências e conservação de espécies. No caso específico deste trabalho, temas como melanismo, migração, domesticação, distribuição espacial, biogeografia, extinção e preservação dos animais, além de muitos outros possíveis, podem ser abordados com base nos animais utilizados nos escudos das seleções afiliadas à FIFA, auxiliando na resposta de alguns questionamentos relativamente comuns, como: “por que não vejo mais tatus-bolas por aqui? Eram tão comuns...”, “por que só vejo essas águias no inverno?”, “por que não existem leões e tigres na América?”, “por que existem onças pintadas e onças pretas?”, entre outros. A utilização de recursos pedagógicos, além dos já



tradicionalmente adotados em sala, certamente despertam grande interesse por parte dos alunos, podendo proporcionar uma aprendizagem mais eficiente. Da mesma forma, o uso desses símbolos possui alto potencial para o uso em programas de educação ambiental, preservação e conservação de espécies, sendo fundamental para isso que as entidades e dirigentes esportivos compreendam a importância e comprem essa briga, tendo em vista a gigantesca influência que o futebol proporciona aos seus espectadores. Para isso, ações conjuntas com órgãos governamentais e não governamentais são de fundamental importância na conscientização da sociedade e de seu papel na preservação do meio ambiente.

Agradecimentos

Agradeço aos editores e revisores da revista A BRUXA pelas colaborações e sugestões ao manuscrito.

Referências

- AGOSTINI, N. & DUCHI, A. 1994. Water-crossing behavior of Black Kites (*Milvus migrans*) during migration. **Bird Behavior** 10: 45-48.
- ARCHIBALD, G.W.; MEINE, C.D. & GARCIA, E.F.J. 2019. White-naped Crane (*Grus vipio*) [Online]. In: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J.; CHRISTIE, D.A. & DE JUANA, E. (ed.), **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions, Barcelona. Disponível em <https://www.hbw.com/species/white-naped-crane-antigone-vipio>. Acesso em 21 de outubro de 2019.
- ARCHIBALD, G.W.; MEINE, C.D.; KIRWAN, G.M. & GARCIA, E.F.J. 2019. Black Crowned-crane (*Balearica pavonina*) [online]. In: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J.; CHRISTIE, D.A. & DE JUANA, E. (ed.), **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions, Barcelona. Disponível em <https://www.hbw.com/node/53551>. Acesso em 20 de outubro de 2019.
- BARNETT, R.; SHAPIRO, B.; BARNES, I.; HO, S.Y.W.; BURGER, J.; YAMAGUCHI, N.; HIGHAM, T.F.; WHEELER, H.T.; ROSENDAHL, W.; SHER, A.V.; SOTNIKOVA, M.; KUZNETSOVA, T.; BARYSHNIKOV, G.F.; MARTIN, L.D.; HARRINGTON, C.R.; BURNS, J.A. & COOPER, A. 2009. Phylogeography of lions (*Panthera leo* ssp.) reveals three distinct taxa and a late Pleistocene reduction in genetic diversity. **Molecular Ecology** 18: 1668-1677.
- BARROS, M.D.M.; ZANELLA, P.G. & ARAÚJO-JORGE, T.C. 2013. A música pode ser uma estratégia para o ensino de ciências naturais? Analisando concepções de professores da educação básica. **Revista Ensaio** 15(1): 81-94.
- BERTHOLD, P. 2013. **Orientation in birds**. Birkhäuser, Basel, 334 p.
- BESTEN, J.W. 2004. Migration of steppe eagles *Aquila nipalensis* and other raptors along the Himalayas past Dharamsala, India, in autumn 2001 and spring 2002. **Forktail** 20: 9-13.
- BOURDIEU, P. 2003. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (ed.), **A sociologia de Pierre Bourdieu**. Editora Olho d'Água, São Paulo, pp. 39-72.
- BRANDÃO, L.E.D. & BARROS, M.D.M. 2017. Proposta de uma atividade didática de biologia utilizando peixes como mascotes de times brasileiros de futebol. **Ensino & Pesquisa - Revista Multidisciplinar de Licenciatura e Formação Docente** 15(3): 207-220.
- BROWN, L. 1970. **African birds of prey**. Houghton Mifflin, Boston, 320 p.
- CABRAL, E.C.; NERY, A.S.D.; CRUZ, R.S. & DIAS, J.A. 2017. Fuleco: desventuras de uma mascote ameaçada. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), **Livro do Evento - II Colóquio de Zoologia Cultural**, A Bruxa, p. 46.
- CASADO, E.; SUAREZ-SEOANE, S.; LAMELIN, J. & FERRER, M. 2008. The regulation of brood reduction in Booted Eagles *Hieraetus pennatus* through habitat heterogeneity. **Ibis** 150(4): 788-798.
- CBF (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL). 2016. **Canarinho: o mascote da Seleção Brasileira** [online]. Disponível em



<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/canarinho/index/canarinho-o-mascote-da-selecao-brasileira>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

COSTA, E.C.P. & BARROS, M.D.M. 2014. Luz, câmera, ação: o uso de filmes como estratégia para o ensino de Ciências e Biologia. **Revista Práxis** 6(11): 82-93.

CROFT, D.B. 1991. Home range of the red kangaroo *Macropus rufus*. **Journal of Arid Environments** 20(1): 83-98.

DA-SILVA, E.R. 2018. Retrospectiva 2018: o ano de consolidação da Biologia Cultural – e jamais isso foi tão necessário. **A Bruxa** 2(6): 1-18.

DA-SILVA, E.R. & COELHO, L.B.N. 2015. Zoologia Cultural, com ênfase na presença de personagens inspirados em artrópodes na Cultura Pop. In: DA-SILVA, E.R.; PASSOS, M.I.S.; AGUIAR, V.M.; LESSA, C.S.S. & COELHO, L.B.N. (ed.), **Anais do III Simpósio de Entomologia do Rio de Janeiro**. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, pp. 24-34.

DA-SILVA, E.R.; COELHO, L.B.N. & SILVA, T.B.N.R. 2014. A zoologia de "Sete Soldados da Vitória": análise dos animais presentes na obra e sua possível utilização para fins didáticos. **Enciclopédia Biosfera** 10(18): 3502-2525.

DAVID, L. 1968. Bird migration and natural selection. **Oikos** 19(1): 1-9.

DAVIS, JR., W.E. & BEEHLER, B.M. 1994. Nesting behavior of a Raggiana Bird of Paradise. **The Wilson Bulletin** 106(3): 522-530.

DECANDIDO, R.; ALLEN, D. & BILDSTEIN, K.L. 2001. The migration of Steppe Eagles (*Aquila nipalensis*) and other raptors in central Nepal, autumn 1999. **Journal of Raptor Research** 35(1): 35-39.

DUARTE, M. 2012. **Todas as mascotes da Copa do Mundo** [online]. Blog do Curioso. Disponível em <http://www.guiadoscuriosos.com.br/blog/esporte/todas-as-mascotes-da-copa-do-mundo>. Acesso em 02 de abril de 2020.

DUMAS, L.L. 2018. Air ball ou chuá? A Zoologia presente nos símbolos das equipes de basquetebol brasileiras e norte-americanas. **A Bruxa** 2(5): 1-31.

DUMAS, L.L. & DA-SILVA, E.R. 2016. Deu zebra! A fauna brasileira nos símbolos dos clubes de futebol do país. In: ASENJO, A. (ed.), **Anais do XXXI Congresso Brasileiro de Zoologia**, UFMT, Cuiabá, p. 468.

ELIAS, N. & DUNNING, E. 1992. A busca da excitação. Editora Difel, Lisboa, 421 p.

ELLIOTT, A.; CHRISTIE, D.A.; JUTGLAR, F.; DE JUANA, E. & KIRWAN, G.M. 2019. BROWN PELICAN (*PELECANUS OCCIDENTALIS*) [ONLINE]. In: DEL HOYO, J.; ELLIOTT, A.; SARGATAL, J.; CHRISTIE, D.A. & DE JUANA, E. (ed.). **Handbook of the Birds of the World Alive**. Lynx Edicions, Barcelona. Disponível em <https://www.hbw.com/node/52616>. Acesso em 13 de setembro de 2019.

FERGUSON-LEES, J. & CHRISTIE, D.A. 2001. **Raptors of the World**. Christopher Helm, Londres, 320 p.

FIFA (INTERNATIONAL FEDERATION OF ASSOCIATION FOOTBALL). 2020. **Associations and Confederations** [online]. Disponível em <https://www.fifa.com/associations>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

FIGUEIRÓ, H.V.; LI, G.; TRINDADE, F.J.; ASSIS, J.; PAIS, F.; FERNANDES, G.; SANTOS, S.H.D.; HUGHES, G.M.; KOMISSAROV, A.; ANTUNES, A.; TRINCA, C.S.; RODRIGUES, M.R.; LINDEROTH, T.; BI, K.; SILVEIRA, L.; AZEVEDO, F.C.C.; KANTEK, D.; RAMALHO, E.; BRASSALOTI, R.A.; VILLELA, P.M.; NUNES, A.L.V.; TEIXEIRA, R.H.F.; MORATO, R.G.; LOSKA, D.; SARAGÜETA, P.; GABALDÓN, T.; TEELING, E.C.; O'BRIEN, S.J.; NIELSEN, R.; COUTINHO, L.L.; OLIVEIRA, G.; MURPHY, W.J. & EIZIRIK, E. 2017. Genome-wide signatures of complex introgression and adaptive evolution in the big cats. **Science Advances** 3: e1700299.

FRANCISCHETTI, C.N.; MEDEIROS, W.M. & DA-SILVA, E.R. 2018. Representações animais nos escudos dos clubes da primeira e segunda divisão da "Ligue de Football Professionnel" da França. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), **Livro do Evento - III Colóquio de Zoologia Cultural**, A Bruxa, p. 64.

FRIEND, J.B. 1978. **Cattle of the world**. Blandford Press, Dorset, 198 p.

GRETTEMBERG, J.F. & NEWBY, J.E. 1986. The status and ecology of the Dama Gazelle in the Air and Ténéré National Reserve, Niger. **Biological Conservation** 38: 207-216.



- HERITAGE OF JAPAN, 2011. **The Legend of Yatagarasu, the three-legged crow and its possible origins** [online]. Heritage of Japan: discovering the historical context and culture of the people of Japan. Disponível em <https://heritageofjapan.wordpress.com/2011/08/22/yatagarasu-the-three-legged-crow-and-its-possible-origins>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- HIGUCHI, H.; PIERRE, J.P.; KREVER, V. & ANDRONOV, V. 2014. Using a remote technology in conservation: satellite tracking White-Naped Cranes in Russia and Asia. **Conservation Biology** 18(1): 136-147.
- HOFFMANN, S. 2018. **The importance of the omby or zebu in Madagascar** [online]. Disponível em <https://www.evaneos.co.uk/madagascar/holidays/discover/964-1-the-zebu-in-madagascar>. Acesso em 23 de outubro de 2019.
- HUNT, G.R. 1996. Environmental variables associated with population patterns of the Kagu *Rhynchetos jubatus* of New Caledonia. **Ibis** 138: 778-785.
- IUCN (INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE). 2020a. **The IUCN red list of threatened species. Version 2020-1.** [online]. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org>. Acesso em 13 de janeiro de 2020.
- IUCN (INTERNATIONAL UNION FOR CONSERVATION OF NATURE). 2020b. **Background & history** [online]. Disponível em: <https://www.iucnredlist.org/about/background-history>. Acesso em 13 de janeiro de 2020.
- JOHNSON, B. 2020. **The red dragon of Wales** [online]. Historic UK. Disponível em <https://www.historic-uk.com/HistoryUK/HistoryofWales/The-Red-Dragon-of-Wales>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- JOHNSON, W.E.; EIZIRIK, E.; PECON-SLATERRY, J.; MURPHY, W.J.; ANTUNES, A. & TEELING, E. 2006. The late Miocene radiation of modern Felidae: a genetic assessment. **Science** 311(5757): 73-77.
- JUNIPER, T. & PARR, M. 1998. **Parrots: a guide to parrots of the world**. Yale University Press, New Haven, 584 p.
- KAWAKAMI, S. 1998. **Imperial dragons** [online]. Kyoto National Museum: Museum Dictionary. Disponível em <https://www.kyohaku.go.jp/eng/dictio/senshoku/48koutai.html>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- LEBANNA, P. 2016. **Birth of nation** [online]. Daily News. Disponível em <http://www.dailynews.gov.bw/news-details.php?nid=31255>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- LEÓN-GIRÓN, G.; RODRÍGUEZ-ESTRELLA, R. & RUIZ-CAMPOS, G. 2016. Current distribution status of Golden Eagle (*Aquila chrysaetos*) in Northwestern Baja California, Mexico. **Revista Mexicana de Biodiversidad** 87(4): 1328-1335.
- LEWBART, G.A. 2011. **Invertebrate medicine**. Wiley-Blackwell, 504 p.
- MAJERUS, M.E.N. 1998. **Melanism – evolution in action**. Oxford University Press, Oxford, 388 p.
- MASSETI, M. 1999. The European fallow deer *Dama dama* L., 1758, in the Aegean region. **Contributions to the Zoogeography and Ecology of the Eastern Mediterranean Region** 1: 17-30.
- MAZAK, J.H. & GROVES, C.P. 2006. A taxonomic revision of the tigers (*Panthera tigris*) of Southeast Asia. **Mammalian Biology** 71(5): 268-287.
- MCGOWAN, P. 2008. African Grey Parrot *Psittacus erithacus* case study. In: **NDF Workshop Case Studies, WG6 – Birds**, pp. 1-9.
- MCINTYRE, C.L., DOUGLAS, D.C. & COLLOPY, M.W. 2008. Movements of golden eagles (*Aquila chrysaetos*) from interior Alaska during their first year of independence. **Auk** 125(1): 214-224.
- MELINDA, Z. 2012. The domestication of animals. **Journal of Anthropological Research** 68(2): 161-190.
- MELO, M. & O'RYAN, C. 2007. Genetic differentiation between Príncipe Island and mainland populations of the Grey Parrot (*Psittacus erithacus*), and implications for conservation. **Molecular Ecology** 16(8): 1673-1685.
- MELO, F.P.; SIQUEIRA, J.A.; SANTOS, B.A.; ÁLVARES-DA-SILVA, O.; CEBALLOS, G. & BERNARD, E. 2014. Football and biodiversity



conservation: FIFA and Brazil can still hit a green goal. **Biotropica** 46(3): 257-259.

MIKKOLAINEN, T. 2008. **Legends of the Chinese phoenix** [online]. GB Times: Bringing China Closer. Disponível em <https://gbtimes.com/legend-chinese-phoenix>. Acesso em 02 de abril de 2020.

NIJMAN, I.J.; OTSEN, M.; VERKAAR, E.L.C.; RUIJTER, C.; HANEKAMP, E.; OCHIENG, J.W.; REGE, J.E.O.; HANOTTE, O.; BARWEGEN, M.W.; SULAWATI, T. & LENSTRA, J.A. 2003. Hybridization of banteng (*Bos javanicus*) and zebu (*Bos indicus*) revealed by mitochondrial DNA, satellite DNA, AFLP and microsatellites. **Heredity** 90: 10-16.

OVODOV, N.D.; CROCKFORD, S.J.; KUZMIN, Y.V.; HIGHAM, T.F.G.; HODGINS, G.W.L. & VAN DER PLICHT, J. 2011. A 33,000-year-old incipient dog from the Altai Mountains of Siberia: evidence of the Earliest Domestication Disrupted by the Last Glacial Maximum. **Plos One** 6(7): e22821.

PARK, S.D.E.; MAGEE, D.A.; MCGETTIGAN, P.A.; TEASDALE, M.D.; EDWARDS, C.J.; LOHAN A.J.; MURPHY, A.; BRAUD, M.; DONOGHUE, M.T.; LIU, Y.; CHAMBERLEIN, A.T.; RUE-ALBRECHT, K.; SCHROEDER, S.; SPILLANE, C.; TAI, S.; BRADLEY, D.G.; SONSTEGART, T.S.; LOFTUS, B.J. & MACHUGH, D.E. 2015. Genome sequencing of the extinct Eurasian wild aurochs, *Bos primigenius*, illuminates the phylogeography and evolution of cattle. **Genome Biology** 16: 234.

PATODKAR, V.R.; RAHANE, S.D.; SHEJAL, M.A. & BELHEKAR, D.R. 2009. Behavior of Emu bird (*Dromaius novaehollandiae*). **Veterinary World** 2(11): 439-440.

PERRIN, W.F. 1990. Subspecies of *Stenella longirostris* (Mammalia: Cetacea: Delphinidae). **Proceedings of the Biological Society of Washington** 103: 453-463.

PIKE, M. 2018. **Lạc Long Quân: the legend of Vietnam's Dragon Lord** [online]. Culture Trip. Disponível em <https://theculturetrip.com/asia/vietnam/articles/lac-long-quan-the-legend-of-vietnams-dragon-lord>. Acesso em 02 de abril de 2020.

PILATTI, L.A. 1999. Reflexões sobre o Esporte Moderno: perspectivas históricas. In: **Primeiro Prêmio INDESP de Literatura Esportiva**. Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, Brasília, pp. 257-288.

PIMM, S.L.; RUSSELL, G.J.; GITTLEMAN, J.L. & BROOKS, T.M. 1995. The Future of Biodiversity. **Science** 269: 347-350.

PINTO, P.V. 2019. The Giant Sable Antelope: Angola's national icon. In: HUNTLEY, B.J.; RUSSO, V.; LAGES, F. & FERRAND, N. (ed.), **Biodiversity of Angola**. SpringerOpen, pp. 471-491.

PORTAL DOS PÁSSAROS. 2019. **Canário-da-terra – tudo sobre a espécie** [online]. Disponível em <https://www.portaldospassaros.com.br/canario-da-terra-tudo-sobre-a-especie>. Acesso em 02 de janeiro de 2020.

PREMUDA, G.; BAGHINO, L.; GUILLOSSON, T. & JARDIN, M. 2007. A remarkable case of circuitous autumn migration of the booted eagle *Hieraaetus pennatus* through the western and central Mediterranean. **Ardeola: International Journal of Ornithology** 54(2): 349-357.

RAUP, D.M. 1994. The role of extinction in evolution. **Proceedings of the National Academy Sciences of the United States of America** 91: 6758-6763.

REIS, H.H.B. 2003. Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. **Revista Paulista de Educação Física** 17(2): 85-92.

RODRIGUES, R. 2013. **Almanaque das confederações do mundo inteiro**. Editora Panda Books, São Paulo, 144 p.

ROSSETO-JR., A.J. 2014. Cultura e esporte: o possível diálogo. **Revista da ALESDE** 4(2): 46-55.

ROSSI, A. 2015. Clarification of the type locality of *Pandinus ulderigoi* with notes on the scorpions protected by CITES (Scorpiones: Scorpionidae). **Arachnologische Mitteilungen** 49: 47-54.

SAMPAIO, B.H.L. 2018. Zoologia Cultural em sala de aula. **A Bruxa** 2(1): 1-12.



- SAWE, B.E. 2018. **The most popular sports in the world** [online]. Disponível em <https://www.worldatlas.com/articles/what-are-the-most-popular-sports-in-the-world.html>. Acesso em 02 de abril de 2020.
- SCHALER, G.B. & WULIN, L. 1996. Distribution, status, and conservation of wild yak *Bos grunniens*. **Biological Conservation** 76(1): 1-8.
- SCHNEIDER, A.; DAVID, V.A.; JOHNSON, W.E.; O'BRIEN, S.J.; BARSH, G.S.; MAYMOND, M.M. & EIZIRIK, E. 2012. How the leopard hides its spots: ASIP mutations and melanism in wild cats. **PlosOne** 7: e50386.
- SCHULZ, E. & KAISER, T.M. 2012. Historical distribution, habitat requirements and feeding ecology of the genus *Equus* (Perissodactyla). **Mammal Review** 43(2): 111-123.
- SERPA FILHO, A. & SILVA, V.M. 2019. Popularizando a ciência através da literatura de cordel. In: COELHO, L.B.N. & DA-SILVA, E.R. (ed.), **Livro do Evento - IV Colóquio de Zoologia Cultural**, A Bruxa, p. 27.
- SHANZER, D. & MATHISEN, R.W. 2013. **Romans, barbarians, and the transformation of the Roman world: cultural interaction and the creation of identity in Late Antiquity**. Routledge, 398 p.
- SPAWLS, S. & BRANCH, B. 1995. **The dangerous snakes of Africa**. Blandford, Londres, 192 p.
- STEYN, P. 1965. Some observations on the bateleur *Terathopius ecaudatus* (Daudin). **Ostrich** 36(4): 203-213.
- SUKUMAR, 2006. A brief review of the status, distribution and biology of wild Asian elephants. **International Zoo Yearbook** 40: 1-8.
- SUNQUIST, M. & SUNQUIST, F. 2002. **Wild cats of the world**. University of Chicago Press, Chicago, 240 p.
- TANGLEY, L. 1997. In search of Africa's forgotten Forest Elephant. **Science** 275: 1417-1419.
- TSENG, Z.J.; WANG, X.; SLATER, G.J.; TAKEUCHI, G.T.; LI, Q.; LIU, J. & XIE, G. 2014. Himalayan fossils of the oldest known pantherine establish ancient origin of big cats. **Proceedings of the Royal Society B** 281(1774): 20132686.
- WERDELIN, L.; YAMAGUCHI, N.; JOHNSON, W.E. & O'BRIEN, S. J. 2010. Phylogeny and evolution of cats (Felidae). In: MACDONALD, D.W. & LOVERIDGE, A.J. (ed.), **Biology and conservation of wild felids**. Oxford University Press, Oxford. pp. 59-83.



Publicado em 14-05-2020

